



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO-UFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS DE IMPERATRIZ-CCIM
CURSO DE PEDAGOGIA**

MAX RHUAN DE ANDRADE SOUSA

**DESAFIOS PARA APRENDIZAGEM DA LÍNGUA PORTUGUESA JUNTO A
ALUNOS SURDOS DOS ANOS INICIAIS DE UMA ESCOLA MUNICIPAL
BILINGUE DE IMPERATRIZ/MA**

Imperatriz
2023

MAX RHUAN DE ANDRADE SOUSA

**DESAFIOS PARA APRENDIZAGEM DA LÍNGUA PORTUGUESA JUNTO A
ALUNOS SURDOS DOS ANOS INICIAIS DE UMA ESCOLA MUNICIPAL
BILINGUE DE IMPERATRIZ/MA**

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de
Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão –
UFMA/CCIM, como requisição parcial para obtenção do
grau de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Francisca Melo Agapito

Imperatriz
2023

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Sousa, Max Rhuan de Andrade.

Desafios para aprendizagem da língua portuguesa junto a alunos surdos dos anos iniciais de uma escola municipal bilíngue de Imperatriz/MA / Max Rhuan de Andrade Sousa. - 2023.

72 p.

Orientador(a): Francisca Melo Agapito.

Monografia (Graduação) - Curso de Pedagogia, Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, 2023.

1. Bilinguismo. 2. Educação de surdos. 3. Estratégias metodológicas. 4. Segunda língua. I. Agapito, Francisca Melo. II. Título.

MAX RHUAN DE ANDRADE SOUSA

**DESAFIOS PARA APRENDIZAGEM DA LÍNGUA PORTUGUESA JUNTO A
ALUNOS SURDOS DOS ANOS INICIAIS DE UMA ESCOLA MUNICIPAL
BILINGUE DE IMPERATRIZ/MA**

Aprovada em: 31/07/2023

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Francisca Melo Agapito (Orientadora)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO-UFMA

Prof.^a Dr.^a Herli de Sousa Carvalho (1^a Examinadora)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO-UFMA

Prof. Dr. Francisco de Assis Carvalho de Almada (2^o Examinador)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO-UFMA

Dedico este trabalho a Deus, minha fonte de inspiração.

À minha família, meu porto seguro, pelo incentivo e amor.

Aos meus amigos pela compreensão nas horas de ausência.

Aos professores, intérprete de Libras e colegas de Curso de Pedagogia que contribuíram para o meu crescimento e aprendizagem.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, fonte de sabedoria e inspiração, pela minha vida, por me guiar ao longo desta jornada acadêmica e por me conceder força e determinação para superar os desafios e ultrapassar todos os obstáculos encontrados em cada etapa deste trabalho.

Expresso minha gratidão infinita aos meus pais, Railson Alves Sousa e Selma Maria de Andrade Neto, e irmão, Samuel de Andrade Sousa, por todo o apoio incondicional e incentivo que me proporcionaram durante todos esses anos de formação acadêmica. Também deixo minha gratidão por vocês terem se preocupado com o meu futuro, mesmo nos momentos mais difíceis sempre estiveram ao meu lado.

Ao meu melhor amigo-irmão, Clevisvaldo Pinheiro Lima, agradeço de todo o coração, pela amizade verdadeira e pelo seu conhecimento compartilhado. O seu apoio inabalável foi extremamente fundamental para que eu pudesse manter o equilíbrio e a motivação ao longo desta jornada acadêmica.

Ao meu amigo e intérprete de Libras, Jean Carlos Pinheiro, expresso minha gratidão eterna pela sua dedicação incansável em tornar a comunicação acessível a mim e garantir que eu tivesse pleno entendimento das informações compartilhadas durante as aulas e orientações, foi de valor inestimável. Seu profissionalismo e comprometimento foram fundamentais para minha formação acadêmica.

À minha orientadora, Profa. Dra. Francisca Melo Agapito, expresso minha gratidão profunda pela sua sabedoria, orientação, apoio e paciência ao longo de todo o processo de trabalho deste trabalho. Suas valiosas sugestões, experiências e conhecimentos foram fundamentais para aprimorar a qualidade desta monografia.

Aos membros da banca examinadora, Profa. Dra. Herli de Sousa Carvalho e Prof. Dr. Francisco de Assis Carvalho de Almada, agradeço por aceitarem examinar meu trabalho e pelos seus comentários e avaliações para que este se tornasse ainda mais consistente.

Também não posso deixar de agradecer à minha professora e ex-coordenadora do Curso de Pedagogia da UFMA, Karla Bianca Freitas de Souza, por ter resgatado o meu curso, no tempo em que eu tive que desistir pela falta de intérprete de Libras, para que eu pudesse continuar com curso. O seu comprometimento no trabalho que envolveu a contratação de um intérprete de Libras foi fundamental para a minha inclusão na instituição.

E a todos os demais professores do Curso de Pedagogia, do Centro de Ciências de Imperatriz (CCIM), agradeço por compartilharem seus conhecimentos e experiências ao longo dessa jornada acadêmica. Cada interação com vocês foi enriquecedora e contribuiu para o meu crescimento pessoal e profissional.

“Como se sabe, a língua além de ser o principal veículo de comunicação, é também o mais importante meio de identificação do indivíduo com sua cultura e o suporte do conhecimento da realidade que nos circunda. O problema das minorias lingüísticas é, pois, muitas vezes, não apenas a privação da língua materna, mas sobretudo a privação de sua identidade cultural”.

Lucinda Ferreira Brito

RESUMO

A educação bilíngue para surdos e as línguas envolvidas na construção bilíngue da pessoa surda, isto é conhecimento sobre a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e a Língua Portuguesa tem se mostrado cada vez relevantes para atender essa parcela da população. Neste sentido, o presente trabalho teve como objetivo analisar desafios para aprendizagem da Língua Portuguesa junto a alunos surdos do 5º ano de uma Escola Bilíngue para Surdos de Imperatriz/MA. Para o desenvolvido desta investigação utilizamos alguns autores específicos da área da surdez, como Quadros (1997), Lacerda e Lodi (2009), Sá (2011), Sacks (2010) e outros que foram relevantes para a temática, além de legislações que asseguram a educação bilíngue, tais como o Decreto 5.626/2005, e outras. Os caminhos metodológicos foram pautados na pesquisa qualitativa e exploratória, sendo utilizada também a pesquisa de campo com vistas a obter maiores aprofundamentos sobre a investigação. A geração de dados se deu por meio entrevistas semiestruturadas com três participantes, sendo uma professora, uma instrutora de Libras e a Coordenadora Pedagógica, de uma escola municipal de educação bilíngue para surdos localizada no município de Imperatriz-MA e a análise dos dados foi descritiva a partir dos resultados obtidos e interpretados à luz de teóricos que fundamentam a pesquisa. Os resultados encontrados proporcionam a reflexão que para a aprendizagem da Língua Portuguesa junto a alunos surdos necessita da relação entre ambas as línguas para que a base seja utilizada para o ensino da L2. Ficou perceptível que há a busca por metodologias que atendam aos alunos surdos, como materiais visuais, jogos e outros. Contudo, os desafios enfrentados pelos docentes residem no fato ser uma segunda língua, ter modalidade oral e auditiva, além da compreensão da estrutura gramatical, a aquisição do vocabulário e a escrita na Língua Portuguesa. A desmotivação dos alunos surdos para a aprendizagem da segunda língua é outro ponto que deve considerado. Neste sentido, fica nítido que há a necessidade de se buscar meios para motivar os alunos, procurar constantemente metodologias que atendam a este público específico, além de estratégias que possam superar a barreira referente a segunda língua, e assim concretizar as aprendizagens, pois, a pessoa surda necessita da sua segunda língua para que possa ter mais autonomia na sociedade, ter acesso a informações escritas que se apresentam somente deste modo, além de interagir por meio da escrita junto aos ouvintes que desconhecem a Libras.

Palavras-chave: Estratégias metodológicas. Segunda língua. Educação de surdos. Bilinguismo.

ABSTRACT

Bilingual education for the deaf and the languages involved in the bilingual construction of the deaf person, that is, knowledge about the Brazilian Sign Language (Libras) and the Portuguese Language, has proven to be increasingly relevant to serve this portion of the population. In this sense, the present work aimed to analyze challenges for learning the Portuguese language with deaf students in the 5th year of a Bilingual School for the Deaf in Imperatriz/MA. For the development of this investigation, we used some specific authors in the area of deafness, such as Quadros (1997), Lacerda and Lodi (2009), Sá (2011), Sacks (2010) and others who were relevant to the subject, in addition to legislation that ensures bilingual education, such as Decree 5.626/2005, and others. The methodological paths were based on qualitative and exploratory research, and field research was also used with a view to be obtaining further insights into the investigation. Data generation took place through semi-structured interviews with three participants, a teacher, a Libras instructor and the Pedagogical Coordinator, from a municipal bilingual education school for the deaf located in the municipality of Imperatriz-MA and the data analysis was descriptive from the results obtained and interpreted in the light of theorists that underlie the research. The results found provide the reflection that, in order to learn the Portuguese language with deaf students, it is necessary to establish a relationship between both languages so that the base can be used for teaching the L2. It was noticeable that there is a search for methodologies that serve deaf students, such as visual materials, games, and others. However, the challenges faced by teachers reside in the fact that it is a second language, having oral and auditory modality, in addition to understanding the grammatical structure, acquiring vocabulary, and writing in Portuguese. The demotivation of deaf students to learn the second language is another point that must be considered. In this sense, it is clear that there is a need to seek ways to motivate students, constantly looking for methodologies that meet this specific audience, as well as strategies that can overcome the barrier related to the second language, and thus materialize the learning process, since the deaf person needs their second language so that they can have more autonomy in society, have access to written information that is presented only in this way, in addition to interacting through writing with listeners who are unaware of Libras.

Keywords: Methodological strategies. Second language. Deaf education. bilingualism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	– Alfabeto Manual da Libras.....	41
Figura 2	– Atividade lúdica: Jogo de Memória sobre o tema (sinal-palavra ou figura-palavra)	46
Figura 3	– Atividades escritas com o tema Transportes.....	46
Figura 4	– Localização da escola pesquisada	52

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	– Formações das participantes da pesquisa	54
----------	---	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AEE	Atendimento Educacional Especializado
C1	Coordenadora pedagógica
EJA	Educação de Jovens e Adultos
Enem	Exame Nacional do Ensino Médio
IL1	Instrutora de Libras
INES	Instituto Nacional de Educação de Surdos
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
Libras	Língua Brasileira de Sinais
L1	Primeira língua
L2	Segunda língua
MA	Maranhão
PI	Piauí
P1	Professora
SISU	Sistema de Seleção Unificada
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFMA	Universidade Federal do Maranhão

SUMÁRIO

1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS	13
2	A PESSOA SURDA NO CONTEXTO HISTÓRICO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....	22
2.1	Movimentações históricas referentes à pessoa surda.....	22
2.2	Abordagens de ensino: oralismo, comunicação total e bilinguismo.	29
3	EDUCAÇÃO BILÍNGUE E AS LÍNGUAS ENVOLVIDAS NA CONSTRUÇÃO BILÍNGUE DA PESSOA SURDA.....	35
3.1	A Língua Brasileira de Sinais (Libras).....	40
3.2	A Língua Portuguesa como segunda língua.....	42
4	LÍNGUA PORTUGUESA NO CONTEXTO BILÍNGUE DE SURDOS: PERCORRENDO OS CAMINHOS METODOLÓGICOS E ANALISANDO OS RESULTADOS.....	49
4.1	Situando o contexto da pesquisa: escola bilíngue para surdos de Imperatriz.....	51
4.2	Transitando entre desafios para aprendizagens da Língua Portuguesa na construção bilíngue de alunos surdos.....	53
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	62
	REFERÊNCIAS.....	65
	APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)	68
	APÊNDICE B – Roteiro de entrevista semiestruturada para a professora e Instrutora de Libras.....	70
	APÊNDICE C – Roteiro de entrevista semiestruturada para a coordenadora pedagógica.....	71

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A Educação Bilíngue de Surdos é aquela que toma a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como primeira língua de instrução (L1) e a Língua Portuguesa, principalmente em sua modalidade escrita, como segunda língua (L2), com objetivo de mediar aprendizagens junto às pessoas surdas, surdocegos, com deficiência auditiva sinalizantes e surdos com deficiências associadas. É de suma importância que as escolas bilíngues de surdos no Brasil recebam alunos surdos para que estes possuam vivências e experiências comunicativas nas duas línguas e tenham o convívio social com as pessoas através da comunicação realizada por meio da Libras, e a escrita, por meio da Língua Portuguesa.

A educação bilíngue de surdos cujo o ensino ocorre por meio da Libras e de Língua Portuguesa deve ser garantido pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº 9.394/1996. A inserção se deu por meio da Lei nº 14.191/2021 (que alterou a LDB) e incluiu esta modalidade de ensino para que os surdos pudessem ter a possibilidade de formação por meio das duas línguas que são necessárias para o seu desenvolvimento social e educacional. A aprendizagem das duas línguas por alunos surdos é fundamental para garantir seus melhores resultados, construindo uma identidade própria e coletiva e promovendo a participação social. Neste sentido o Governo Federal inseriu:

[...] a Educação Bilíngue de Surdos na Lei Brasileira de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB - Lei 9.394, de 1996) como uma modalidade de ensino independente — antes incluída como parte da educação especial. Entende-se como educação bilíngue aquela que tem a língua brasileira de sinais (Libras) como primeira língua e o português escrito como segunda (AGÊNCIA SENADO, 2023, texto digital).

Assim, o acesso à educação bilíngue é atualmente um direito do surdo que deve ser garantido, pois tanto o ensino da Libras quanto da Língua Portuguesa são necessárias para que haja uma formação coerente. Outro ponto fundamental refere-se ao conhecimento da Língua Portuguesa, que é a primeira língua oficial do Brasil, a qual é mais utilizada pela nossa sociedade (pois esta é majoritariamente ouvinte). Para que o surdo possa melhorar a comunicação com as pessoas ouvintes, pois, muitas destas podem não possuir o conhecimento da Libras, a aprendizagem de sua segunda língua pode facilitar a comunicação através da comunicação em modalidade

escrita, por isso que é necessária a aprendizagem na aquisição do conhecimento da Língua Portuguesa pelas pessoas surdas.

Diante do exposto, esta pesquisa trata sobre o ensino de Língua Portuguesa para surdos e a escolha por pesquisar esta temática fundamenta-se no fato de que sou uma pessoa surda que teve a oportunidade de me tornar fluente na Língua Portuguesa na modalidade escrita. Sendo assim, peço licença para utilizar o verbo na primeira pessoa para destacar alguns pontos e situar o meu objeto de pesquisa, pois, este está interligado a minha vida. Eu, Max Rhuan de Andrade Sousa, em meu processo de aprendizado da Língua Portuguesa, enfrentei algumas dificuldades que acredito que sejam também vivenciadas pelos meus pares surdos, o que, como já disse, foi um dos principais motivadores para a construção desse trabalho voltado para o ensino de Língua Portuguesa como L2 (isto é, segunda língua) para pessoas surdas. Muitas pessoas surdas têm muita dificuldade de entender, ler e escrever nesta língua, isso pode ocorrer por diferentes fatores, como a falta de compreensão, por que não há uma base da língua maternal para a aprendizagem da segunda língua.

Ao fazer o resgate da memória, podemos refletir e resgatar as experiências esquecidas e tomar consciência do que ainda podemos aprender sobre si mesmo através da crítica e autocrítica. Levando em conta também experiências que tivemos ao longo da vida que contribuíram para nossa formação, sejam positivas ou negativas, tais experiências nos afetam significativamente e influenciam direta e indiretamente na nossa formação.

Nasci na cidade de Teresina do estado do Piauí, aos três (03) anos de idade fui diagnosticado com meningite o que ocasionou a perda da audição. Enfrentei grandes desafios, pois, ter ficado surdo quando criança não foi fácil, surgiram os primeiros problemas na iniciação escolar, pois a primeira experiência foi a de buscar soluções para conviver em uma escola onde havia muitos alunos surdos.

Em 2003, minha mãe encontrou uma escola que trabalhava com educação especial para eu estudar, a Escola de Educação Especial Professora Consuelo Pinheiro, localizada em Teresina – PI. Com cinco (05) anos, aprendi Libras e fiz novos amigos surdos, no entanto, foi muito difícil no primeiro momento pois a sensação era de insegurança por estar longe do seio familiar. Com o passar do tempo, acabei me acostumando e estando totalmente aberto para conviver com as novas pessoas e experiências.

Lembro de minha primeira professora, uma pessoa maravilhosa e humilde dentro de sala de aula, foi um tempo de muitas aprendizagens, integração, amor, amizade, respeito e dedicação. A professora foi um excelente exemplo para minha vida, me ensinou muito, me deu coragem e em meu desenvolvimento intelectual. Tinha também os amigos de escolas mais chegados, que de tempos em tempos alternavam de horários de estudo na escola, o que me deixava às vezes entristecido, por conta da vivência com eles.

Esta escola era um tanto quanto distante, o que acarretava os custos para meus pais com ônibus, mototáxi e até bicicleta, para que eu pudesse estar sempre presente na escola, o que durou até o 5º ano. Bom é saber que meus pais nunca desistiram de mim e de minha educação, e isso é o combustível de minha vida e é o que me impulsiona a buscar mais para ter um futuro promissor. Tenho que agradecer a eles por me encorajarem e me colocar no caminho certo.

Além disso, posso afirmar que as experiências vividas nesta escola foi uma das melhores, pois nela eu aprendi muito, aprendi novos sinais em Libras que me encantaram, fiz grandes amizades com os surdos, foi o tempo de adquirir a comunicação em minha própria língua, que é a Libras. Me recordo do momento do recreio, as brincadeiras com os colegas de turma, das festas de final de ano, coreografias natalinas, realmente momentos marcantes em minha trajetória educacional.

Após a conclusão do ensino fundamental I (Anos Iniciais), foi então que comecei a estudar na Escola Inclusiva Matias Olímpio – Teresina (PI), onde havia ouvintes e surdos. O início dos estudos não foi como eu esperava, pois, na instituição não haviam intérpretes de Libras, era uma escola onde haviam profissionais de Libras auxiliando as pessoas surdas em uma sala de reforço, ou seja, no Atendimento Educacional Especializado (AEE). Em cada sala de aula havia ouvintes e surdos, mas não havia o profissional intérprete de Libras, este aspecto se mostrou um desafio.

A minha permanência nessa escola foi um tempo de dificuldades e para meus pares, pois os professores apenas oralizavam e não sabiam Libras. Quando era divulgado o calendário de provas, mesmo sem saber ler ou escrever, e eram repassados aos alunos questionários das disciplinas eu decorava as frases referentes as respostas contidas nos questionários. Esta ação facilitava eu dar respostas nas avaliações e tirar boas notas, pois esse era um momento que dependia totalmente de meu esforço próprio e dedicação. O que me faz refletir que surdos podem e devem ter

autodeterminação para que tenham uma vida independente cheia de êxitos e vitórias, sem depender de esforço dos outros. Destaco este ponto, pois, acredito que muita dependência faz com que a sociedade nos veja como “deficientes” e carentes de apoio para tudo que formos realizar. Mas esse é um conceito errado criado através desse tipo de observação distorcida, pois, todo surdo é capaz.

Residi em Teresina até os 15 anos, quando minha mãe foi transferida a trabalho para cidade de Imperatriz, estado do Maranhão, em 2012 e assim fizemos nossa mudança de um estado para outro, esta cidade onde vivemos até o presente momento. Com a nossa chegada em Imperatriz (MA), agora era partir para encontrar uma escola que atendesse as minhas necessidades para que eu concluísse o ensino médio. Foi então que através de pesquisas meus pais encontram o Centro de Ensino Governador Archer, nesta escola fui bem acolhido tanto pelos professores quanto pelos alunos ouvintes e surdos. Havia intérpretes de Libras, pois em grande parte das salas havia surdos, a escola superou as minhas expectativas e necessidades. Como pessoa surda temos direitos assegurados em lei, que nos dá garantias de prioridade em atendimentos, acesso a informações e a educação.

É de suma importância que as escolas que recebem alunos surdos estejam preparadas para recebê-los, para que o aluno surdo não tenha dificuldade de aprendizagem. A presença do intérprete de Libras em sala de aula pode fortalecer o desenvolvimento do aluno, além de uma sala de AEE e profissionais que atendam ao público surdo. Cito aqui que por experiência própria que a presença de um intérprete facilitou em minha aprendizagem e contribuiu para que eu pudesse desenvolver a minha leitura e escrita.

No primeiro ano do ensino médio, havia mais duas surdas em sala de aula. No início a comunicação ficava restrita ao intérprete de Libras e as colegas surdas em sala, porém com o passar do tempo a relação com a turma foi sendo gerada de forma gradativa e até o final do ano já era amigo de todos os alunos da sala de aula. Adentrar no ensino médio foi um tanto quando difícil por conta das disciplinas, pois era uma outra proposta, agora teria que ter uma dedicação ainda maior e explorar ao máximo o conteúdo das disciplinas, assim foi necessário criar gosto pela química, como preferida dentre as outras disciplinas. No último ano na escola, em 2014, eu comecei a pensar no meu futuro profissional, pois estava terminando o ensino médio, tive dúvida entre os cursos de Educação Física ou tentaria Pedagogia.

Ainda em 2014, fiz o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) e fui aprovado com a nota da redação com 809 pontos, o que me fez ainda mais otimista com esta nota foi o fato de dominar bem o português, pois esta língua é muito difícil para o surdo. Fiz minha inscrição no Sistema de Seleção Unificada (SISU), e por não ter alcançado nota suficiente para o curso de Educação Física, acabei optando pela Pedagogia. Após ser aprovado no SISU, me matriculei na Universidade Federal do Maranhão (UFMA), campus de Imperatriz. Comecei a estudar na instituição em 2015, porém, quando comecei a estudar parece que vi todo meu pesadelo vivido na Escola Matias Olímpio em Teresina – PI, vir à tona.

E assim fui mais uma vez privado de todos os meus direitos, pois a universidade não cumpriu com seu dever de garantir acessibilidade a pessoa surda. E o que mais me surpreendeu foi que durante todo o processo seletivo do Enem o surdo tem todo um atendimento especializado, como está previsto em lei, todos os direitos garantidos, mas, ao entrar na universidade tudo isso caiu por terra, pois dentro da universidade não tive nenhum direito garantido, e mesmo assim, continuei frequentando a universidade, mas sem a presença de um intérprete de Libras em sala de aula. Para que tudo isso fosse amenizado a Coordenação do Curso de Pedagogia passou por um longo período solicitando um profissional intérprete de Libras à UFMA de São Luís. Após várias tentativas nada foi feito, toda essa problemática me desmotivou demais a ponto de desistir do curso. Sobre este profissional é fundamental ressaltar que:

É o profissional que domina a língua de sinais e a língua falada do país e que é qualificado para desempenhar a função de intérprete. No Brasil, o intérprete deve dominar a língua brasileira de sinais e língua portuguesa. [...] Além do domínio das línguas envolvidas no processo de tradução e interpretação, o profissional precisa ter qualificação específica para atuar como tal. Isso significa ter domínio dos processos, dos modelos, das estratégias e técnicas de tradução e interpretação (QUADROS, 2006, p. 27-28).

O trabalho do profissional intérprete de libras em sala de aula é de grande importância, porém o processo de inclusão ainda está muito aquém para os propósitos para os quais deve atender. Em alguns casos os alunos surdos ainda são deixados à própria sorte devido a uma formação inicial e continuadas inadequadas dos professores, pela ineficiência de um sistema educacional que não se importa com a base/estrutura de uma educação que atenda o mínimo de assistência básica, esse mesmo sistema educacional não investe na educação como devia.

Após a desistência do curso, fiquei um ano sem retornar a UFMA, e nesse tempo minha mãe foi ao Ministério Público e deu entrada a um processo contra a universidade, que depois de analisado e julgado ganhamos a causa e a UFMA foi obrigada a providenciar um intérprete de Libras para meu atendimento. A coordenação do curso entrou em contato e fui informado que havia um intérprete no Campus de Imperatriz, em reunião com a coordenação, o intérprete e eu, fui readmitido no curso. Junto com a possibilidade de voltar a cursar a Pedagogia vieram as novas expectativas, anseios e certeza de que tudo seria bem mais fácil agora pois meus direitos estavam garantidos.

A presença do intérprete em sala de aula facilitou minha comunicação com a turma, com os professores, me fez entender e compreender o conteúdo, adquirir conhecimentos e me ajudou a me expressar em um nível acadêmico melhor.

Apesar de no primeiro momento pensar na educação física, ter escolhido Pedagogia foi um ótimo acerto pois comecei a gostar da área da educação e me identifiquei com o curso. Vi em mim a possibilidade de ter surdos como eu, que entendam e compreendam o português, o curso com certeza tem me auxiliado a realizar o sonho de alfabetizar surdos na Língua Portuguesa como segunda língua.

Apesar da pandemia (COVID-19) que ocorreu no início do ano de 2020, fazendo com que a UFMA ficasse fechada, a instituição buscou mecanismos, como aulas remotas via plataforma Google Meet, para continuar nosso processo formativo. Enfim, dado o nosso retorno presencial e finalizando este ciclo, posso afirmar que durante os cinco anos do curso de Pedagogia tive o prazer de ter professores e professoras maravilhosos que contribuíram muito na minha formação. Me identifiquei muito com grande parte das disciplinas ministradas por professores excelentes. Ao finalizar alguns pontos da minha vida, lembrando algumas experiências por meio de minha memória, creio que a minha trajetória me mostrou o quão capaz sou de realizar tudo que desejo, como surdo. Diante do exposto, enfatizo que fui construindo minha história de vida levando em conta crenças, desejos, valores, razões intencionais, teorias e auxílio na ressignificação da formação docente através da busca de sentido nas próprias experiências. Além disso, os caminhos que percorri também me mostraram a oportunidade para ser um futuro professor para ensinar os alunos surdos, para que eles possam se tornar bilíngues e capazes de tudo.

Atualmente, trabalho na Escola Municipal de Educação Bilíngue para Surdos Professor Telasco Pereira Filho, como Instrutor de Libras. Tendo o imenso prazer em

ensinar os alunos surdos com intuito de tornar o seu aprendizado significativo e satisfatório. Tendo o compromisso de instigá-los a serem bilíngues.

Nesse sentido, ao refletir sobre a sociedade em que vivemos, é importante pontuar que as aprendizagens de uma segunda língua, no caso dos surdos brasileiros, a Língua Portuguesa, são necessárias, pois, é a língua oficial do Brasil. A sociedade brasileira é majoritariamente ouvinte e utiliza esta língua que é de modalidade oral e auditiva. Desse modo, é por meio desta língua que ocorre o acesso à informação e a comunicação, podendo ocorrer também tanto por meio da escrita quanto na leitura. Entretanto, o conhecimento desta língua pode ser um desafio para as crianças, jovens e adultos surdos, principalmente por sua modalidade de acesso. Logo, é fundamental que haja ações consistentes que possam proporcionar o acesso à sua segunda língua, pois, de acordo com a Lei nº 10.436/2002, a Libras não substitui a aprendizagem da Língua Portuguesa.

No entanto, é importante também destacar que a maioria das escolas da rede comum de ensino não conseguem oferecer o ensino de Português de forma coerente para os alunos surdos. Estas podem não possuir métodos adequados ou professores capacitados para superar as dificuldades, a fim de reduzir as barreiras e incentivando os surdos a desenvolverem o conhecimento aprofundado da leitura e escrita da Língua Portuguesa. Situando minha experiência sobre este assunto, registro que quando era criança, não tive o conhecimento da estrutura gramatical da Língua Portuguesa, pois as escolas nas quais estive não ensinavam os surdos a lerem e escreverem. Isso prejudicou a minha construção cognitiva, como se pensássemos que apenas existisse a Libras para nos comunicarmos. Desse modo, as pessoas surdas podem se sentir acostumadas ao silenciamento social diante da necessidade de aprendizagens de sua segunda língua, ou seja, a Língua Portuguesa.

Frente a esta situação, a educação bilíngue de surdos torna-se um caminho essencial para as aprendizagens de alunos surdos, pois, ela considera tanto o ensino da Libras, como primeira língua, como a Língua Portuguesa, como segunda língua na modalidade escrita. Assim, as escolas bilíngues de surdos são os locais mais coerentes para realizar este tipo de educação. Neste ambiente os alunos surdos são alfabetizados em Libras, através dela eles podem comunicar-se tão bem diariamente, pois ela permite uma melhor interação entre as pessoas surdas. E as aprendizagens da Língua Portuguesa devem ocorrer de modo a suprir a necessidade que se apresenta no contexto educacional e social.

Considerando que, após lutas das comunidades surdas e demais pessoas preocupadas com o desenvolvimento dos surdos, as escolas bilíngues de surdos estão sendo criadas para atender essa necessidade, é importante entender como este processo vem desenvolvendo. Compreendemos que há situações novas, pessoas surdas e ouvintes inseridas nesse espaço que exige conhecimentos para a realização desta abordagem educacional, além das particularidades dos surdos que ali estão. Neste sentido, entendendo que uma das maiores dificuldades das pessoas surdas é a leitura e a escrita da Língua Portuguesa, por se tratar de uma língua de modalidade oral e auditiva, a questão desta investigação é: que desafios que vêm se apresentando para oportunizar aprendizagens da Língua Portuguesa junto a alunos surdos do 5º ano de uma Escola de Bilíngue para Surdos de Imperatriz/MA?

Neste sentido foi articulado o seguinte objetivo geral: analisar desafios para aprendizagem de Língua Portuguesa junto a alunos surdos do 5º ano de uma Escola Bilíngue para Surdos de Imperatriz/MA. E de modo a aprofundar a temática como intento de responder a questão de direciona a pesquisa foram organizados os objetivos específicos: discutir sobre aspectos da história e da educação da educação de surdos em diferentes períodos; abordar sobre a educação bilíngue de surdos como ferramenta para aprendizagem da Libras e da Língua Portuguesa e verificar as percepções docente e da Coordenação sobre desafios para aprendizagens da Língua Portuguesa em uma escola bilíngue para surdos de Imperatriz/MA.

Cabe ressaltar que a metodologia deste trabalho direcionou-se inicialmente para uma pesquisa bibliográfica, que possibilitou estudar vários autores que refletiram sobre o tema em estudo, sendo assim, permitindo a compreensão desta temática, bem como dar maior relevância para o presente estudo. Dentre as bases teóricas utilizamos Sá (2011), sobre a importância de uma escola bilíngue para surdos, Lacerda e Lodi (2009), que defendem que toda criança surda deve ter acesso a uma educação bilíngue, Quadros (1997) afirma que, numa proposta bilíngue, a Libras deve ser a L1 da criança Surda brasileira e o português deve ser sua L2, Quadros (1997; p. 32 e 33), diz que deve trabalhar todos os conteúdos na língua nativa das crianças surdas, ou seja, LIBRAS, e trabalhar a língua portuguesa em momentos específicos das aulas, com leitura e escrita da língua, Skliar (1997) afirma que as crianças surdas devem crescer bilíngues, tendo a língua de sinais como sua primeira língua e a língua majoritária, na modalidade escrita, como segunda língua, Svartholm (1999) diz que o surdo deve partir de experiências com a língua que já domina, em geral a língua de

sinais, para construir e desenvolver a língua escrita. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) 9.394/1996, a Lei nº 10.436/2002, o Decreto nº 5.626/2005, entre outros documentos e autores que foram relevantes para o estudo.

Este trabalho segue a seguinte estrutura: apresentamos a presente introdução que aborda inicialmente a temática da Educação Bilingue de Surdos, as motivações, assim como situa a questão que orienta esta pesquisa e seus objetivos. No segundo capítulo, trataremos sobre a história que marcou a vida das pessoas surdas e as abordagens de ensino. No terceiro capítulo, abordaremos a importância da Educação Bilíngue em relação à aprendizagem do surdo no processo do ensino-aprendizagem da Libras e Língua Portuguesa. O quarto capítulo descreve os caminhos metodológicos delineados para a realização deste trabalho. Em seguida são apresentados os resultados da pesquisa e por fim, nas considerações finais são retomadas as reflexões sobre a investigação e os resultados.

2 A PESSOA SURDA NO CONTEXTO HISTÓRICO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Os conhecimentos adquiridos por meio da Libras servem de base para que os estudantes surdos tenham acesso aos conteúdos em Língua Portuguesa. Para isso, os educadores devem ter domínio das duas línguas, do modo como elas funcionam, bem como de seus diferentes usos sociais para que, desse modo, os surdos tenham acesso às informações e aos conhecimentos de mundo de ambas as línguas.

Muitos foram os processos ocorridos para a efetivação do direito ao acesso às duas línguas. Nesse sentido, é importante compreender as diferentes situações ocorridas, assim, nos propomos, inicialmente, a discutir alguns aspectos históricos pelos quais as pessoas surdas passaram. Na seção a seguir, “Movimentações históricas referentes à pessoa surda”, discorreremos sobre algumas situações ocorridas com relação a pessoa surda foram tratadas ao longo da história no mundo e no Brasil. Na próxima seção nominada “Abordagens de ensino: oralismo comunicação total e bilinguismo” destacamos ações realizadas diante da compreensão da sociedade sobre o processo educacional do surdo, tendo como base as formas de ensino situadas em cada abordagem.

2.1 Movimentações históricas referentes à pessoa surda

A história da educação dos surdos foi marcada, desde a antiguidade, por um processo de exclusão com a construção de concepções errôneas e preconceituosas acerca dos surdos e de suas identidades. Por não conseguirem falar, os gregos e os romanos consideravam as pessoas surdas como não-humanas, visto que, para essas sociedades, a fala era resultado de um pensamento e se estes não falavam isso significava a inexistência deles. Esse modo de compreensão dos surdos e da surdez encontrava embasamento nas crenças de Aristóteles. Como pontua Moura (2000, p. 16), “Aristóteles considerava que a linguagem era o que dava condição de humano para o indivíduo. Portanto, sem linguagem, o surdo era considerado não humano”. Ainda sobre essa questão de ser deficiente na linguagem Sacks (2010, p. 23), afirma que:

Ser deficiente na linguagem, para um ser humano, é uma das calamidades mais terríveis, porque é apenas por meio da língua que entramos plenamente

em nosso estado e cultura humanos, que nos comunicamos livremente com nossos semelhantes, adquirimos e compartilhamos informações. Se não pudermos fazer isso, ficaremos incapacitados e isolados, de um modo bizarro – sejam quais forem nossos desejos, esforços e capacidades inatas.

Foi por essa incapacidade dos surdos de aquisição da língua oral de forma natural, como é para os ouvintes, que estes foram por muito tempo considerados ignorantes e estúpidos. Essa situação se agrava ainda mais com o advento da Idade Média, a exclusão dos surdos torna-se ainda mais visível com a exclusão de seus direitos humanos fundamentais, tais como: “[...] herdar bens, contrair matrimônio, receber instrução, ter um trabalho” (SACKS, 2010, p. 23). Somente em meados do século XVIII começam a surgir as primeiras tentativas de educação para as pessoas surdas, isso devido à necessidade dos nobres para que seus descendentes surdos fossem educados, oralizados e tivessem assim mantido o seu direito à herança:

Nos castelos, os nobres, para não dividir suas heranças com outras famílias acabavam casando-se entre si, o que gerava grande número de Surdos entre eles. [...] Os nobres, que tinham em sua família um descendente Surdo, começaram a educá-lo, pois os primogênitos surdos não tinham direito à herança se não aprendessem a falar o que colocava em risco toda a riqueza da família (HONORA, 2009, p. 19-20).

Como se observa, diante da necessidade da nobreza de que seus herdeiros fossem aptos a dar prosseguimento ao legado da família, a concepção greco-romana da incapacidade de pensamento das pessoas surdas começa a ser refutada. Ainda assim, observemos que a fala ainda é tomada como um elemento primordial para o reconhecimento de uma pessoa como cidadã uma vez que as primeiras propostas educacionais que surgem para os surdos são pautadas na oralização, na aquisição da fala. Além disso, como ressalta Sacks (2010), no período medieval a igreja considerava que era pela expressão oral dos sacramentos que a alma humana alcançava a imortalidade.

Um dos primeiros pesquisadores a discutir sobre a educação dos surdos foi, Segundo Moura (2000), o italiano Gerolamo Cardano (1501-1576). Segundo a autora, Cardano acreditava que a surdez não impedia as pessoas surdas de serem instruídas se estas dominassem a escrita para através dela representar os sons da fala e seus pensamentos. Pedro Ponce de Leon (1520-1584), também foi outro educador de surdos cujas técnicas de ensino almejavam a aquisição da fala pelas pessoas surdas. Ponce de Leon tornou-se famoso por educar os filhos surdos da nobreza europeia.

Entre as técnicas atribuídas a ele encontra-se o uso de um alfabeto manual que permitia às crianças surdas aprenderem a soletrar as palavras para, posteriormente ler e enfim conseguirem falar. Acerca deste aspecto, Honora (2009, p. 20) argumenta que “Pelo pouco que restou de registro de seu método, sabemos que seu trabalho iniciava com o ensino da escrita, por meio dos nomes dos objetos, e em seguida o ensino da fala, começando pelos fonemas”.

Ponce de Leon desmistificou ainda as teses divulgadas por alguns médicos da época de que os surdos não aprendiam devido a lesões cerebrais. Com isso Leon mostrou serem falsas todas as crenças religiosas, filosóficas e médicas existentes acerca do sujeito surdo (MOURA, 2000). Educadores posteriores a estes, como Juan Pablo Bonet (1579-1633), Van Helmont (1614-1699), Jacob Rodrigues Pereira (1715-1780) e Johann Amman (1669-1724) continuaram a defender a educação dos surdos baseada numa prática oralista. Amman afirmava que um surdo pouco se diferenciava dos animais, dada sua incapacidade de falar, este ainda era “[...] contra o uso da Língua de Sinais, acreditando que seu uso atrofiava a mente, impossibilitando o Surdo de, no futuro, desenvolver a fala por meio do pensamento” (HONORA, 2009, p. 21). Amman acreditava ainda que a fala fosse detentora de poderes especiais “pois na voz residiria o sopro da vida, o Espírito de Deus” (MOURA, 2000, p. 20).

Ainda de acordo com Moura (2000), inserido no discurso de uma sociedade majoritariamente ouvinte, os surdos, de maneira geral, mas especialmente aqueles que não possuíam uma oralização, eram vistos como doentes necessitados de tratamentos para uma possível cura, ou como amaldiçoados, sendo a surdez resultado de um castigo de Deus. Isso porque a surdez era avaliada dentro de um modelo clínico e religioso. Nessa perspectiva a oralização era tida como fundamento essencial para a sociabilização dos surdos fundamentada na ideia construída de que “A língua de sinais não se constituiria em uma língua complexa em detrimento da língua oral considerada como superior sem a qual seria impossível o desenvolvimento do pensamento abstrato” (SILVA, 2003, p. 22). Como se observa na citação acima, embora a língua de sinais tenha sido percebida pelos educadores como a língua natural dos surdos, ela era utilizada apenas como forma de se alcançar a oralização, pois, como vimos, já havia se difundido a ideia de que um surdo só conseguiria ser um humano normal (completo) se dominasse a capacidade de se expressar oralmente.

Foi só com o abade francês Charles-Michel de L'Épée (1712-1789) que a língua de sinais passou a ser considerada enquanto um instrumento de comunicação e de instrução para surdos (e não mais apenas como um suporte para a aquisição da língua oral, como vinha ocorrendo até então). Segundo Moura (2000), L'Épée iniciou o ensino a surdos por motivos religiosos. Uma de suas técnicas de ensino foi o uso da Língua de Sinais como meio para a aquisição da linguagem escrita e entendimento de conceitos abstratos. O diferencial de L'Épée em relação aos demais educadores foi o fato deste reconhecer a existência da língua de sinais enquanto uma Língua que se desenvolve e que serve como base comunicativa entre os surdos. Para ele,

Todo Surdo-Mudo enviado a nós já tem uma linguagem... Ele tem o hábito de usá-la e compreende os outros que o fazem. Com ela ele expressa suas necessidades, desejos, dúvidas, dores etc. e não erra quando os outros se expressam da mesma forma. Nós desejamos instruí-los e assim ensiná-los o Francês. Qual é o método mais simples e mais curto? Não seria nos expressando na sua língua? Adotando sua língua e fazendo com que ela se adapte a regras claras, nós não seríamos capazes de conduzir a sua instrução como desejamos? (MOURA (2000, p. 23).

Diferente dos demais educadores de surdos de sua época, L'Épée compreendeu que a língua de sinais utilizada pelos surdos era suficiente para que estes conseguissem ter acesso à educação. Os surdos não precisariam da língua oral para aprender os conteúdos, elas poderiam fazer isso em sua própria língua, a língua de sinais. Desse modo, L'Épée construiu um sistema que permitiu aos alunos surdos sinalizarem qualquer texto escrito ou escrever qualquer texto em francês ditado por ele. O ensino ministrado pelo abade era dado em língua de sinais que também era utilizado na comunicação entre os Surdos.

Para Moura (2000), Charles-Michel de L'Épée foi o primeiro a considerar o surdo como um ser humano igual a qualquer outro, capaz de, em sua língua natural, se expressar e se posicionar criticamente acerca de qualquer tema proposto. Foi ele também o responsável pela criação do Instituto Nacional para Surdos em Paris, a primeira escola própria para surdos em todo o mundo. Devido à criação deste instituto o ensino de surdos deixou de ser algo individual e restrito àqueles que podiam custear o ensino e tornou-se algo coletivo e possível àqueles menos favorecidos financeiramente. Os discípulos de Charles-Michel de L'Épée fundaram institutos para surdos nos mais diferentes lugares do mundo.

Com a morte de L'Épée em 1789 e o advento da Idade Contemporânea a educação dos surdos sofre grandes mudanças e a surdez deixa de ser considerada uma diferença e passa a ser considerada uma doença, e como tal, passível de tratamento e cura objetivando a erradicação do problema. Dentro desta perspectiva destaca-se Jean-Marc Itard. Este era médico cirurgião e adepto dos teóricos que afirmavam que a surdez não deveria ser considerada como uma diferença, mas como uma doença. Desta forma, assim como muitos outros, tentou descobrir as causas visíveis da surdez. Para a realização de seus estudos ele:

Dissecou cadáveres de Surdos e tentou vários procedimentos: aplicar cargas elétricas nos ouvidos de Surdos, usar sanguessugas para provocar sangramentos, furar as membranas timpânicas de alunos. [...] Ele também fraturou o crânio de alguns alunos e infeccionou pontos atrás das orelhas deles (MOURA, 2000, p. 25).

Como se observa, os surdos deixam de ser considerados enquanto sujeitos aptos e capazes de aprender a partir do uso de sua língua natural e passam a ser considerados como pacientes, como pessoas enfermas que precisam de tratamento. Entretanto, mesmo utilizando todas estas técnicas, Itard não chegou a nenhuma conclusão acerca da solução do problema da surdez. Ainda assim este se mostrava completamente avesso à língua de sinais e, como afirma Moura (2000, p. 26), todas as tentativas possíveis para erradicar, o que para ele é uma doença, eram válidas, “mesmo que isso custasse sofrimento e às vezes até a morte, e constantemente não levasse a resultado algum”

Com Itard tem início um novo discurso, o médico-patológico, que passa a considerar a surdez não mais como um problema social, religioso ou filosófico, mas como um problema patológico, transformando assim o sujeito surdo em um doente. Em suas obras Itard afirmava que os sujeitos surdos eram primitivos nos aspectos emocionais e intelectuais havendo a necessidade do desenvolvimento da fala para a superação de tais problemas. Ao colocar suas ideias em prática Itard percebeu que todos os treinamentos utilizados tiveram uma pífia interferência no processo de aquisição da língua oral pelos surdos.

Não aceitando o fracasso de seus métodos culpou a Língua de Sinais por considerar que “Se o surdo não tivesse acesso aos Sinais, ele se veria forçado a falar, desenvolveria a fala [...] e a usaria fluentemente, pois não teria outra forma para se comunicar” (MOURA, 2000, p. 27). Após sofrer consecutivos fracassos em suas

técnicas Itard termina por reconhecer a Língua de Sinais como único meio viável para o processo de educação dos surdos.

Ao destacar diferentes períodos em que a pessoa surda esteve inserida compreendemos as percepções conforme cada época da história. Como vimos, na idade antiga as crianças com deficiência eram mortas por serem consideradas um estorvo, principalmente para os povos nômades (MAZZOTTA, 2005). Na Grécia, por exemplo, as pessoas com deficiência eram exterminadas ao nascer. Os Gregos e os Romanos não consideravam estas pessoas como seres humanos, isso porque para a sociedade da época, uma pessoa só vivia e/ou existia se pudesse trabalhar estudar, lutar ou se pudesse se comunicar.

Além disso, como vimos, o filósofo Aristóteles (384-322 a.C.) acreditava que a incapacidade de falar estava diretamente relacionado a uma incapacidade de pensar. Para ele, de todas as sensações, a audição era aquela que mais contribuía para a inteligência e aquisição do conhecimento, portanto, os surdos seriam insensatos e naturalmente incapazes de razão. Este acreditava ainda que seria um absurdo a intenção de ensinar o surdo a falar (MOURA, 2000).

Este modo de compreensão, só mudou com o advento da idade média em virtude da necessidade dos nobres, cujas famílias tinham muitos membros surdos, devido aos relacionamentos consanguíneos, de terem seus filhos surdos educados de acordo com o que necessitava um membro da nobreza. Uma educação pautada no ensino da oralização. É somente com Charles Michel de L'Épée que a língua de sinais ganha relevância no processo de ensino-aprendizagem das pessoas surdas.

Seja pelo uso do método oral, seja pelo uso da língua de sinais, a educação dos surdos já havia se tornado um assunto de caloroso debate entre os vários educadores em todo o mundo. No Brasil, a primeira escola para surdos foi criada em 1857, no Rio de Janeiro e se chamava Imperial Instituto dos Surdos-Mudos, hoje é denominado como Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). Segundo Mazzotta (2005, P. 29), “Foi Dom Pedro II que, pela Lei nº 839 de 26 de setembro de 1857, portanto, três anos após a criação do Instituto Benjamin Constant [uma escola para cegos], fundou também no Rio de Janeiro, o Imperial Instituto de Surdos-Mudos”.

Para professor dessa instituição, Dom Pedro II contratou o professor francês Ernest Huet. De acordo com Strobel (2009, p. 24), “Foi neste espaço que surgiu, da mistura da língua de sinais francesa com os sistemas já usados pelos surdos de várias regiões do Brasil, a Língua Brasileira de Sinais (Libras)”. Em princípio, a educação

dos surdos no INES acontecia pautada no uso da língua de sinais. Contudo, devido as influências dos oralistas, que já fortemente ocorriam em diferentes países do mundo, o método oral foi também adotado por essa instituição. Isso ocorreu especialmente após o Congresso que aconteceu em 1880, em Milão, na Itália. Nesse congresso, os educadores de surdos participantes reconheceram o método oral como único método possível à educação dos surdos e, por esse motivo, todas as escolas de surdos deveriam adotá-lo.

Desse momento em diante, os surdos foram obrigados a oralizar e a língua de sinais foi proibida. Sobre essa situação Gesser (2009, p. 38) demonstra que:

[...] o Congresso de Milão, em 1880, que, em função do impacto mundial de sua decisão em favor das filosofias e métodos oralistas a qualquer custo, afetou a Educação dos surdos em todas as partes do mundo. No Brasil, a ideia do oralismo começou a ser disseminada em 1911, e a superintendente do INES, Ana Rímoli de Faria Doria, que acatou a filosofia, separava os surdos mais velhos dos mais novos para evitar o contato e uso de língua de sinais.

Esta decisão demorou quase cem anos para ser alterada. Assim, os surdos quase tiveram sua língua de sinais acabada. Muitas lutas aconteceram para que a partir da década de 1980 os surdos pudessem ter o acesso a sua língua novamente. Nesse momento, o acesso se deu por meio da filosofia da Comunicação Total e posteriormente do bilinguismo (FERNANDES, 2007).

Em suma, procuramos mostrar, ainda que de maneira sucinta, o modo como a questão da surdez, e a pessoa surda, foi encarada ao longo da história. Vimos que, inicialmente, aos surdos era negado o direito à educação, pois estes eram considerados incapazes de aprender. Todavia, a partir de uma mudança no modo de significar esses sujeitos, os surdos passaram a ter direitos de serem educados a partir de uma perspectiva metodológica pautada na língua oral. Só em meados do século XIX, e por um curto período de tempo, a Língua de Sinais passou a ser considerada como fonte de alfabetização e letramento da pessoa surda.

Ao nosso ver, é essencial destacar a importância dessas movimentações históricas para conscientizar a sociedade sobre as necessidades e direitos das pessoas surdas, bem como para promover a inclusão e o respeito à diversidade linguística e cultural. Ainda há desafios a serem superados, mas essas movimentações têm contribuído para avanços significativos na promoção da igualdade e da valorização da comunidade surda. Logo, considerando a importância

de nos aprofundarmos um pouco mais acerca desta discussão sobre as principais abordagens de ensino que permearam (e permeiam) a educação dos surdos, discutiremos na próxima seção, de maneira mais pormenorizada, sobre o oralismo, a comunicação total e o bilinguismo.

2.2 Abordagens de ensino: oralismo, comunicação total e bilinguismo

A educação dos surdos passou, ao longo da história, por inúmeras mudanças oriundas desde a maneira como se concebia a pessoa com surdez até as diferentes estratégias de ensino defendidas para esses sujeitos. Apesar de a língua de sinais ser defendida e utilizada como o mais importante meio para o processo de ensino-aprendizagem dos surdos, no decorrer de diferentes períodos o método pautado na oralização foi o mais utilizado e defendido pelos educadores de surdos, tanto a nível mundial quanto aqui no Brasil. Este método foi denominado oralismo, sendo considerada uma abordagem educacional que defende o uso da língua oral como única capaz de munir o indivíduo dos aparatos necessários para uma real e plena sociabilização. Esta rejeita de maneira taxativa o uso da língua de sinais por considerá-la nada mais que uma mímica, pobre, perto da língua oral e não capaz de ser usada na educação (MOURA, 2000). O oralismo pode ser entendido como resultado de uma construção cultural, em que a língua majoritária, a língua oral, cuja modalidade são oral-auditiva se impõe hegemonicamente sobre as demais expressões culturais, devendo estas subordinar-se à primeira. Entre os principais defensores da causa oralista está o cientista e inventor do telefone, Alexander Graham Bell. Para ele a surdez era um desvio, uma doença que:

ainda que não pudesse ser curada, poderia ser aliviada, sendo possível encobrir o seu estigma mais aparente (os Sinais), e o papel do ouvinte era ajudar o Surdo na negação da sua Surdez e cultura. Os surdos deveriam se comportar passando por ouvintes num mundo de ouvinte (MOURA, 2000, p. 39).

Como se observa, essa é uma proposta que nega o uso da língua de sinais pela pessoa surda. No tocante ao objetivo da educação dos surdos, ainda segundo Moura (2000, p. 39), Graham Bell afirmava ser essencial “a integração do surdo com a comunidade ouvinte”, não podendo haver, no processo de ensino, um professor surdo, uma vez que este seria um empecilho para que isso acontecesse, isto é, para

que o surdo adquirisse a fala oral. Para Bell, A língua de sinais, deveria ser evitada para que o surdo pudesse se integrar à comunidade ouvinte majoritária evitando assim, a existência de um grupo de sujeitos diferentes numa sociedade que objetivava se caracterizar política e socialmente (MOURA, 2000).

O que se pode perceber ao analisar a fala de Graham Bell, assim como a de muitos outros educadores que compartilharam da mesma opinião que este, era que o oralismo era tratado como o único meio viável para se educar um aluno surdo e a língua oral era apresentada enquanto uma língua superior à língua de sinais. Segundo Schneider (2006), essa importância dada ao oralismo enquanto única abordagem capaz de munir o surdo de condições de ser incluído numa sociedade majoritariamente ouvinte, estava atravessada por de interesses políticos, filosóficos e religiosos. De acordo com essa autora, bem como Moura (2000), entre os principais interessados nessa política oralista estavam os educadores de surdos de países como Itália e França. Schneider (2006, p. 109) afirma: “A Itália ingressava num projeto geral de alfabetização e, deste modo, se tentava eliminar um fator de desvio linguístico – Língua de Sinais –, obrigando também as crianças surdas a usar a língua de todos”. No que diz respeito à França, Moura (2000, p. 44), escreve que:

A razão política que parece estar por trás destas tentativas de oralização se refere à própria situação da França, que se havia estabelecido como um estado unitário de caráter centralista. Isto se refletia na interferência do estado nos métodos educativos dos Surdos, pois para ele era importante que os Surdos tivessem uma identidade comum com os falantes, ou seja, a língua. A possibilidade de existir um grupo com uma identidade.

O oralismo, enquanto proposta educacional atingiu seu ápice com o II Congresso Mundial de Educação de Surdos, realizado em Milão em 1880. Como dissemos anteriormente, nesse congresso a método oral foi considerado como o único adequado a ser utilizado nas escolas de alunos surdos. Acrescentamos que neste congresso a maioria dos congressistas era composta por italianos e franceses havendo ainda, segundo Moura (2002, p. 44) a presença de delegações de outros países, tais como: Grã-Bretanha, Estados Unidos, Canadá, Bélgica, Suécia e Rússia.

Além disso, Moura (2000) nos chama atenção para um outro fato curioso acerca desse congresso, a saber, a de que havia apenas um único surdo participando de um evento cujo principal objetivo era discutir a educação dos surdos. Para essa autora, o congresso não discutiu diretamente métodos de ensino de linguagem, o

interesse era apenas reafirmar a necessidade de substituição da língua de sinais pela língua oral nacional. Em consequência disso, em inúmeras escolas o uso dos sinais foi proibido e vários professores surdos foram demitidos e substituídos por professores ouvintes. Sobre este ponto Goldfeld (1997, p. 33-34) “[...] percebe a surdez como uma deficiência que deve ser minimizada através da estimulação auditiva”. Com discursos como este o método oralista se sobrepôs ao uso dos sinais e todos aqueles que não se desenvolviam na oralidade eram considerados deficientes mentais. Este método permaneceu, por parte dos teóricos ouvintes, intacto até a década de 1960, quando vários fatores impulsionaram a mais uma mudança no processo de educação dos surdos.

Por não proporcionar aos indivíduos surdos um nível considerado suficiente na aquisição da língua oral, e das habilidades de leitura começam a surgir a busca por novas metodologias de ensino destacando-se dentre elas um método que se utilizava tanto da língua falada quanto dos sinais posteriormente nomeado Comunicação Total. Esta filosofia educacional foi definida por Denton apud Strobel (2006, p. 171) da seguinte maneira:

A Comunicação Total inclui todo o espectro dos modos lingüísticos: gestos criados pelas crianças, língua de sinais, fala, leitura orofacial, alfabeto manual, leitura e escrita. A Comunicação Total incorpora o desenvolvimento de quaisquer restos de audição para a melhoria das habilidades de fala ou de leitura orofacial, através de uso constante, por um longo período de tempo, de aparelhos auditivos individuais e/ou sistemas de alta fidelidade para amplificação em grupo.

Como se verifica, diferente do oralismo que compreendia a fala oral como única alternativa às pessoas surdas, a comunicação total passa a considerar outras estratégias. Em outras palavras, podemos dizer que a comunicação total tem por objetivo propiciar ao surdo, independentemente de como isso vai acontecer, uma comunicação com seus familiares, amigos, professores e todos os ouvintes a sua volta. Os defensores da comunicação total entendem que apenas o processo de oralização não é suficiente para o desenvolvimento pleno dos surdos.

É preciso que, além destas técnicas sejam também utilizados quaisquer outros recursos que viabilizem o processo de comunicação e de interação social. Salientamos, contudo, que embora o discurso seja mais brando que o dos defensores do oralismo, a comunicação total não tem por objetivo permitir ao surdo o desenvolvimento de sua língua materna, a língua de sinais, mas apenas o de usá-la

como meio de permitir ao surdo o aprendizado da língua oral. Segundo Ciccone (1996, apud LIMA, 2004, p. 42) os profissionais que adotam a comunicação total entendem que o sujeito surdo diferente do sujeito ouvinte deixa de ser “concebido somente como um portador de uma patologia de ordem médica, que deveria ser dizimada” e passa a ser visto como um indivíduo cuja surdez, aspecto que lhe é constitutivo, seria “um traço que repercute nas relações sociais e no desenvolvimento afetivo e cognitivo desse sujeito”. Além do uso dos sinais, a comunicação total utiliza ainda:

[...] a datilologia (representação manual das letras do alfabeto) e o português sinalizado (língua artificial que usa o léxico da língua de sinais com a estrutura sintática do português e alguns sinais inventados, para representar estruturas gramaticais do português que não há na língua de sinais) e o pidgin (simplificação da gramática de duas línguas em contato, no caso a língua portuguesa e a língua de sinais) (GOLDFELD, 1997, p. 40).

Embora mais abrangente em seus métodos e técnicas, assim como o oralismo, a comunicação total não conseguiu seus objetivos e mais uma vez os alunos surdos continuaram em defasagem no concernente à fala, leitura e escrita.

Diante disso, o bilinguismo como uma abordagem educacional, foi criado com o objetivo de socializar, educar e incluir os alunos surdos numa sociedade composta majoritariamente por pessoas ouvintes. Entretanto, diferente das abordagens postas até então, o bilinguismo trata a Língua de Sinais como a língua natural dos sujeitos surdos, resultante de um longo processo histórico e cultural vivenciado por eles. No bilinguismo, as línguas (oral e de sinais) recebem uma hierarquização onde, os surdos devem ser submetidos primeiro ao ensino de sua língua natural, isto é, a língua de sinais, para só após a fluência nesta ser submetido à segunda língua, a língua oral oficial de sua pátria. Segundo Goldfeld (1997, p. 38), o bilinguismo pode ser caracterizado da seguinte maneira:

O Bilingüismo tem como pressuposto básico que o surdo deve ser Bilíngüe, ou seja, deve adquirir como língua materna a língua de sinais, que é considerada a língua natural dos surdos e, como segunda língua, a língua oficial de seu país (...) os autores ligados ao Bilingüismo percebem o surdo de forma bastante diferente dos autores oralistas e da Comunicação Total. Para os bilingüistas, o surdo não precisa almejar uma vida semelhante ao ouvinte, podendo assumir sua surdez.

Diferente do oralismo e da comunicação total, como salienta o excerto de Goldfeld (1997) acima, o bilinguismo possibilita ao surdo se comunicar, interagir e

aprender em sua própria língua materna. A surdez, pelo bilinguismo, deixa de ser um empecilho às pessoas surdas, mais que isso, a surdez, pelos defensores do bilinguismo, deixa de ser vista como uma doença, uma patologia que precisa ser erradicada e passa a ser vista como uma diferença, ou seja, como um aspecto identitário da pessoa surda. As afirmações de autora revelam ainda, que a partir desta proposta educacional o surdo não precisa mais sacrificar-se para aprender a se comportar como ouvinte, pois eles passaram a ter uma cultura própria tão rica e diversificada quanto à cultura ouvinte. Nessa mesma linha de raciocínio, Moura (2000, p. 67) compreende que:

Os surdos têm experiências diferentes da cultura ouvinte, a partir da sua perda auditiva, da sua língua e tudo que implica no uso de uma língua com características tão diferentes no seu comportamento do dia-a-dia. Eles têm uma história de Surdos, que se destacaram em aspectos da vida pública, da sua educação, do desenvolvimento de suas comunidades e possuem regras de comportamento, costumes, tradições.

Com essa proposta de ensino a aprendizagem da língua de sinais, bem como da leitura e escrita tornam-se essenciais para a construção de uma nova identidade e autonomia. Silva (2005), no entanto, nos faz algumas críticas acerca do método bilíngue. A autora afirma, dentre outras coisas, que um grande número de surdos ao terminarem sua escolarização básica não são capazes de ler ou escrever com fluência. Quadros (2005), comentando sobre o mesmo assunto, no que concerne aos surdos brasileiros, atribuí como alguns dos fatores para isso o fato da modalidade linguística da Libras (visual e espacial) ser diferente da modalidade linguística da língua portuguesa (oral-auditiva); o fato de que a maioria dos surdos brasileiros são filhos de pais ouvintes que, em sua grande maioria, não conhecem a língua brasileira de sinais e que, portanto, têm um acesso tardio à língua de sinais.

De acordo com Quadros (2005, p. 28), isso cria um contexto atípico de aquisição da língua de sinais “Uma vez que a língua é adquirida tardiamente, mas, mesmo assim, tem status de L1”. Nesse sentido, ainda que as propostas bilíngues assumam a importância da educação dos surdos em sua língua materna, é a língua oral, no caso do Brasil, o português, que continua sendo tomada como única capaz de permitir o acesso ao conhecimento tendo em vista que no contexto escolar é a língua oral que predomina na elaboração didática e metodológica de ensino. Isso nos explicita que existe, mesmo na proposta bilíngue, uma grande lacuna entre o que é

proposto em lei e a realidade de nossas escolas no concernente à educação dos surdos.

Logo, com base nas discussões sobre as diferentes abordagens educacionais que permearam (e ainda permeiam) o processo de educação dos surdos: o oralismo, a comunicação total e o bilinguismo, foram possíveis evidenciar diferenças quanto a percepção sobre como mediar aprendizagens, as percepções sobre aspectos linguísticas e como a eficácia destas foi refutada por não ter a vinculação com a apropriação da língua natural dos surdos. No próximo capítulo, dado o objetivo deste trabalho, discutiremos sobre a proposta de educação bilíngue para surdos, bem como as duas línguas envolvidas no processo de construção de um sujeito bilíngue, isto é, a Língua Portuguesa e a Libras.

3 EDUCAÇÃO BILÍNGUE E AS LÍNGUAS ENVOLVIDAS NA CONSTRUÇÃO BILÍNGUE DA PESSOA SURDA

Durante o longo percurso histórico já apresentado evidencia-se a luta do movimento surdo pelo reconhecimento e valorização de sua língua e cultura. Os indivíduos surdos lutam por sua aceitação social como tal, sem precisar se adaptar aos padrões impostos pela sociedade ouvinte. E uma dessas lutas, considerada uma conquista é a educação de surdos ocorrer a partir da proposta educacional bilíngue para surdos. Conforme expressa Lei nº 14.191/2021 em seu artigo 60-A:

Entende-se por educação bilíngue de surdos, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida em Língua Brasileira de Sinais (Libras), como primeira língua, e em português escrito, como segunda língua, em escolas bilíngues de surdos, classes bilíngues de surdos, escolas comuns ou em polos de educação bilíngue de surdos, para educandos surdos, surdo-cegos, com deficiência auditiva sinalizantes, surdos com altas habilidades ou superdotação ou com outras deficiências associadas, optantes pela modalidade de educação bilíngue de surdos (BRASIL, 2021).

Diante desta conceituação entendemos como o reconhecimento legal da educação bilíngue de surdos é fundamental para a promoção da inclusão e da valorização da comunidade surda. A clareza sobre como esta deve ocorrer torna-se uma garantia para que suas necessidades educacionais dos surdos possam ser atendidas de maneira adequada e respeitosa.

Mais do que qualquer outra coisa, a educação bilíngue é um meio de providenciar uma educação significativa e equitativa, bem como uma educação capaz de construir tolerância para com outros grupos linguísticos e culturais. Ao fazer isso, programas de educação bilíngue proveem uma educação geral, ensinam em duas ou mais línguas, desenvolvem compreensão a respeito da multiplicidade de línguas e culturas e incentivam apreço pela diversidade humana” (GARCÍA, 2009, p. 25). Nesse sentido, a educação bilíngue pode contribuir para a inclusão e equidade na educação, uma vez que permite que os estudantes que falam uma língua minoritária tenham acesso a um currículo completo e igualitário, ao mesmo tempo em que desenvolvem proficiência em outra língua dominante. Isso ajuda a diminuir as barreiras linguísticas e a promover a igualdade de oportunidades educacionais para todos.

Contudo, devemos lembrar que há diferentes escolas que trabalham a partir da proposta da educação inclusiva, assim, alunos surdos são inseridos em escolas da

rede regular de ensino, o que atualmente, é tema frequentemente abordado no campo da Educação e em outros âmbitos (FERNANDES, 2007). Outro ponto destacado é a visão que parte da sociedade tem sobre a pessoa surda como um ser doente, o que leva a visão patológica e entende que o surdo é um sujeito que precisa de reabilitação, de aparelhos auditivos, como já discutimos anteriormente ao tratarmos sobre o oralismo.

Esta situação ainda é existente na sociedade, por isso, é importante que a visão cultural que envolve a surdez seja amplamente divulgada para que possamos cada vez mais compreender a surdez como uma diferença cultural e não como uma doença ou como algo que precisa ser erradicado. Compreender a surdez enquanto um aspecto cultural de um determinado indivíduo facilita o entendimento de que o aluno surdo, diferente dos alunos ouvintes, tem sua própria forma de apreender e entender o mundo que o circunda. E ele o faz tendo como parâmetro sua língua materna, a língua de sinais, que, como já dissemos, possui uma modalidade diferente da Língua Portuguesa.

Acerca dessa questão, Lacerda e Lodi (2009), defendem que toda criança surda deve ter acesso a uma educação bilíngue, isto é, uma educação que toma como ponto de partida sua língua materna. Só assim, defendem as autoras, o aluno surdo terá uma educação verdadeiramente efetiva. Importante ressaltar que a proposta bilíngue não ignora o ensino da língua portuguesa. O surdo deve aprender a língua portuguesa, não enquanto sua língua materna, mas como sua segunda língua e preferencialmente em sua modalidade escrita.

Independente da escola em que o aluno surdo é matriculado, seja bilíngue ou inclusiva, ele tem o direito do atendimento às suas necessidades educacionais especiais, com intuito de melhorar o seu desempenho. É importante que tal escola esteja preparada com uma metodologia adequada, com professores e gestores capacitados com conhecimentos para mediar este ensino, receber o aluno surdo e atender às suas necessidades para que possa ter sua identidade como cidadão na sociedade.

Neste sentido, a educação bilíngue é assegurada como um direito garantido pela lei, assim os alunos surdos, deve ter acesso e a sua permanência no ambiente escolar, a fim de levá-los a trilhar todo o seu processo educacional. Conforme o Decreto nº 5.626/2005, no seu artigo 22 é registrado a obrigatoriedade de garantir a educação básica de alunos surdos por meio de:

I - Escolas e classes de educação bilíngüe, abertas a alunos surdos e ouvintes, com professores bilíngües, na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental;

II - Escolas bilíngües ou escolas comuns da rede regular de ensino, abertas a alunos surdos e ouvintes, para os anos finais do ensino fundamental, ensino médio ou educação profissional, com docentes das diferentes áreas do conhecimento, cientes da singularidade lingüística dos alunos surdos, bem como com a presença de tradutores e intérpretes de Libras - Língua Portuguesa (BRASIL, 2005).

Uma escola que tenha como modalidade de ensino o uso da Libras como primeira língua e o português como segunda língua são garantias expressas na legislação, como apontando na citação acima. Este é um direito do surdo para que tenha uma formação significativa ao longo da vida escolar. Neste sentido, as escolas bilíngües são peça principal que formarão os alunos surdos e serão capazes de construir uma sociedade mais inclusiva, justa e com equidade. Sobre este aspecto Skliar (1998, p. 21) explicita “A educação bilíngüe para surdos requer muito mais do que uma mudança na proposta pedagógica ou a inserção da língua de sinais sem uma política efetiva de entrada das questões culturais surdas no currículo escolar”.

É nesse sentido que tomamos a questão do bilinguismo como foco central deste trabalho. Embora essa seja uma luta antiga, sua conquista, ou o começo dela, é bem recente no mundo e, em particular, no Brasil. Apenas no ano de 2002 com a criação da Lei nº 10.436 (lei que ficou popularmente conhecida como Lei da Libras), que passa a ser reconhecida como meio legal de comunicação e expressão munida de todos os aspectos lingüísticos necessários para sua autonomia.

Com o advento da citada lei é ratificado no seu artigo 2º o dever da garantia “[...] parte do poder público em geral e de empresas concessionárias de serviços públicos, de formas institucionalizadas de apoiar o uso e difusão de Libras como meio de comunicação objetiva e de utilização corrente das comunidades surdas do Brasil” (BRASIL, 2002). Esta lei, embora não torne o Brasil um país bilingue, reconhece e procura assegurar aos surdos brasileiros o direito de se comunicar em sua própria língua cuja modalidade, visual e espacial, difere da modalidade oral-auditiva utilizada pela maioria da população. A publicação desta lei torna-se um divisor de águas no processo de educação dos surdos uma vez em que nela é explicitado a necessidade de transmissão das informações em Libras, não como uma forma de se aprender a língua oral, mas como forma de aquisição dos conhecimentos.

Todos esses fundamentos defendidos pela Lei nº 10.436/2002 tornam-se solidificados com a publicação do Decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005, que intensifica estas afirmações e acrescenta algumas como a identificação da pessoa surda que passa a ser considerada “[...] aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais - Libras” (BRASIL, 2005).

Outras duas inovações trazidas com o decreto foi a obrigatoriedade da inclusão da Libras, enquanto disciplina, na matriz curricular de todos os cursos de licenciatura, nas diferentes áreas do conhecimento, das faculdades e universidades do Brasil e a criação dos cursos de graduação para a formação de professores surdos e ouvintes de licenciatura em Letras Libras ou em Letras Libras/Língua Portuguesa, além dos cursos de formação em Tradução e Interpretação de Libras (BRASIL, 2005).

Além da Lei nº 10.436/2002 e do Decreto nº 5.626/2005 podemos ainda citar, como de relevância no que diz respeito ao surdo e à sua educação, o Decreto nº 7.611 promulgado no dia 18 de novembro de 2011. Entre as principais contribuições deste decreto aos surdos encontra-se a revogação do Decreto nº 6.571 de 17 de setembro de 2008 que afirmava que os recursos do ministério da educação seriam voltados apenas às instituições que trabalhassem com o sistema de inclusão dos alunos na rede regular de ensino. Tal decreto colocava em risco o funcionamento de escolas bilíngues, isto é, que tem a língua de sinais como língua de mediação das aprendizagens, na medida em que não seria fornecida a estas instituições os recursos necessários para o seu funcionamento pleno. Com o Decreto nº 7.611/2011 fica garantido o financiamento de escolas especiais, a escola bilíngue é um tipo de escola especial, como colocado no artigo 14:

Admitir-se-á, para efeito da distribuição dos recursos do Fundeb, o cômputo das matrículas efetivadas na educação especial oferecida por instituições comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos, com atuação exclusiva na educação especial, conveniadas com o Poder Executivo competente (BRASIL, 2011).

A promulgação deste decreto assegura aos surdos o direito do acesso ao conhecimento em sua língua materna, o direito a estudar em uma escola que lhe proporcione metodologias adequadas voltadas para suas necessidades e a um currículo pedagógico que lhe proporcione um nível de aprendizado pleno e satisfatório

como são as escolas bilíngues. Seguindo esta linha de raciocínio, compreendemos que a gestão escolar destes espaços deve ter conhecimentos consistentes sobre este grupo específico.

Neste sentido, o papel da gestão é fundamental como um dos elementos determinado na escola. A criação de um ambiente inclusivo e acolhedor, aliada a estratégias pedagógicas adequadas, é fundamental para promover o desenvolvimento cognitivo e linguístico dos estudantes surdos. Sobre o exposto Libâneo et al (2012, p. 438) argumentam que “A gestão é, pois, a atividade pela qual são mobilizados meios e procedimentos para atingir os objetivos da organização, envolvendo, basicamente, os aspectos gerenciais e técnico-administrativos”. Nesse contexto, a gestão como uma função essencial contribui para desenvolver abordagens necessárias que consideram os aspectos humanos quanto os técnicos, para garantir o sucesso e a eficiência das organizações. Ao direcionar esta discussão para a educação de surdos, fica notório o quanto é relevante que a gestão saiba como lidar com as especificidades de seus alunos, busque conhecer seus aspectos culturais, sua língua, assim com formas que possibilitem a concretização de aprendizagens.

A coordenação pedagógica também é outro elemento essencial para a escola, pois fornece suporte aos professores, capacitando-os para utilizar metodologias e recursos didáticos que promovam a aprendizagem dos alunos surdos. Dito de outro modo “O coordenador é o mediador da construção e o estabelecimento de relações entre todos os grupos que desempenham o fazer pedagógico, refletindo e construindo ações coletivas” (VASCONCELLOS, 2006, p. 84). Nesse contexto, este profissional é fundamental para dar o suporte aos professores, as ações pedagógicas e no fortalecimento da coletividade no contexto educacional, além do desenvolvimento de um ambiente escolar mais inclusivo e participativo.

Portanto, pensar no contexto Bilíngue exige refletir sobre quem a pessoa surda, quais as características desta devem ser consideradas para as aprendizagens no contexto educacional. De modo similar, como deve ser o processo de conhecimentos das duas línguas envolvidas na sua educação, pois, o surdo necessita ser bilíngue para interagir na sociedade que é, em sua maioria, ouvinte, além de precisar para outras situações sociais. Com este raciocínio consideramos fundamental abordar na seção intitulada “A Língua Brasileira de Sinais (Libras)” sobre esta língua que é fundamental para a comunicação de surdos que a utilizam em todos os processos

sociais e a partir dela ocorrer o processo de aprendizagens de sua segunda língua, ambas essenciais para a pessoa surda torna-se bilíngue.

3.1 A Língua Brasileira de Sinais (Libras)

A Libras é uma língua como várias outras, tais como, o português, inglês, espanhol. Sua modalidade espaço-visual na qual os usuários da língua se comunicam através de gestos, expressões faciais e corporais. A Libras foi oficialmente reconhecida em 2002 pela Lei nº 10.436, como meio legal de comunicação e expressão no Brasil (BRASIL, 2002). Conforme aponta o parágrafo único do artigo 1º desta lei:

Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema lingüístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema lingüístico de transmissão de idéias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil (BRASIL, 2002).

Esta língua é utilizada pela comunidade surda bem como ouvintes, familiares e amigos da pessoa surda para que possa facilitar a sua comunicação. Dessa maneira, a utilização desta nos diferentes espaços é fundamental para os surdos e sua inclusão social.

A Libras possui características distintas que a diferenciam de outras línguas. Por ser visual e gestual, esta é expressada por meio de gestos, expressões faciais, movimentos corporais e uso do espaço. É uma língua visualmente rica e utiliza a percepção visual para a comunicação. Como língua possui sua própria estrutura gramatical e segue regras específicas (PEREIRA et al, 2011). A ordem das palavras, por exemplo, pode ser diferente daquela da língua oral, e os elementos gramaticais como concordância, tempo verbal e negação são expressos de forma gestual. A Libras faz uso do espaço para indicar pessoas, objetos e lugares.

Os sinais são realizados em diferentes pontos no espaço em relação ao corpo do sinalizador, proporcionando uma representação visual de referência espacial. As expressões faciais e corporais desempenham um papel importante na comunicação em Libras, pois, servem para transmitir informações gramaticais, como expressar perguntas, ênfases, sentimentos e nuances de significado. Assim como as línguas

orais, a Libras pode apresentar variações regionais, com diferenças no vocabulário, sotaque e uso de sinais específicos em determinadas áreas geográficas.

A Libras é uma língua viva, que evolui e se adapta ao longo do tempo. Ela também reflete a cultura e identidade surda, transmitindo valores, histórias e tradições da comunidade surda brasileira, é importante ressaltar que a língua é complexa e rica em suas particularidades. o seu estudo e uso são fundamentais para a inclusão e comunicação efetiva com pessoas surdas (PEREIRA et al, 2011).

A Libras em sua estrutura gramatical possui um alfabeto próprio chamado de Alfabeto Manual ou Datilológico, que é utilizado como recurso para representar o alfabeto da língua portuguesa. É possível observar a imagem do alfabeto abaixo:

Figura 1 – Alfabeto Manual da Libras



Fonte: <http://libralizando.blogspot.com/2011/05/datilologia.html>

O alfabeto manual é um sistema utilizado pelos surdos para soletrar palavras e letras individualmente. Conforme demonstrado na Figura 1, este é composto por formatos que a mão assume que são denominadas configurações de mãos. Estas representam cada uma das 26 letras do alfabeto brasileiro, permitindo a comunicação por meio da sinalização das letras para a formação de palavras. Além disso, este alfabeto é uma ferramenta importante para o aprendizado inicial da língua, pois possibilita soletrar nomes próprios, siglas, palavras pouco conhecidas ou quando a pessoa não sabe o sinal correspondente.

Um dos principais desafios do aprendizado dos alunos surdos é a Libras, pois, na maioria das vezes, por estarem em famílias ouvintes que não são usuárias da

Libras, estes só têm a oportunidade de aprender a sua primeira língua em sala de aula. Sendo assim, uma das maneiras de possibilitar uma melhor interação com os outros surdos e ouvintes no ambiente social, nesse sentido, torna-se um dos principais meios para a socialização do surdo.

A Libras além de ser uma língua é também uma disciplina curricular fundamental, pois é capaz de fazer a diferença na vida dos alunos surdos, esta é a principal ferramenta para que haja a inclusão com responsabilidade e comprometimento. Ela é uma forma de garantir a preservação da identidade do aluno surdo, bem como contribui para a valorização e reconhecimento da cultura surda. Então, as escolas bilíngues devem buscar estratégias para favorecer o desenvolvimento linguístico dos surdos no processo de ensino aprendizagem. Por isso, o uso da língua de sinais que a escola oferece é um meio de garantir a preservação da identidade do surdo. É por meio dessa língua que o surdo construirá sua identidade e exercerá seu direito na sociedade.

Logo, a Libras é uma língua essencial para a pessoa surda, pois possibilita o acesso à informação, comunicação e no contexto é uma disciplina importante para a inclusão escolar. As escolas bilíngues assumem grande importância nesse processo para que o desenvolvimento da primeira língua do surdo ocorra através do contato desde a educação infantil. No processo de ensino aprendizagem o aluno surdo deve adquiri-la cedo como sua primeira língua, para que seja capaz de facilitar o desenvolvimento cognitivo, psicológico e social, promovendo a sua comunicação com os demais na escola e na sociedade. E de igual modo que possa ter a base para a aprendizagem de sua segunda língua, neste caso, a Língua Portuguesa. Dito isto, a seção seguinte tem o intuito de trazer algumas considerações sobre a segunda língua das pessoas surdas.

3.2 A Língua Portuguesa como segunda língua

Além do ensino de Libras que a escola bilíngue oferece, a Língua Portuguesa também é fundamental para a aprendizagem dos alunos surdos, pois é uma disciplina curricular obrigatória tanto quanto a Libras e deve ser ministrada em sala de aula. A aquisição da Língua Portuguesa é uma experiência natural, quando uma criança ouvinte é filha de pais ouvintes. É uma aquisição sem dificuldades diante de uma maior possibilidade de compreender o vocabulário através da audição, da estrutura narrativa

e da fonologia. Isto porque a criança ouvinte têm contato com a Língua Portuguesa falada e ouvida, a qual é mais utilizada pela sociedade no Brasil.

Para a criança surda a aquisição do português é diferente devido à ausência da audição. A sua aquisição exige esforço e interesse por parte dos surdos. Mas antes disso, precisam conhecer os sinais em Libras, para que, desse modo, possam conhecer o significado das palavras escritas em português através dos sinais de Libras. Então, esta será uma das maneiras possíveis de fazer a produção textual para construir o seu conhecimento na estrutura gramatical da Língua Portuguesa.

No contexto social ainda são comuns os casos de crianças surdas serem inseridas em escolas em que a língua de ensino é a majoritária, isto é, a Língua Portuguesa, baseada em sons, como é o caso do Brasil, ou seja, uma língua que tem a modalidade auditiva e oral como meio para realização da comunicação. Isto posto, este aspecto se configura um dos desafios enfrentados por crianças surdas ao iniciar sua educação escolar.

[...] a falta de uma linguagem tem graves consequências para o desenvolvimento social, emocional e intelectual do ser humano. [...] A linguagem permite à criança obter explicações sobre o funcionamento das coisas do mundo e sobre as razões do comportamento das pessoas. Se não houver uma base linguística suficientemente compartilhada e um bom nível de competência linguística para permitir uma comunicação ampla e eficaz, o mundo da criança ficará confinado a comportamentos estereotipados aprendidos em situações limitadas (CAPOVILLA, 2000, p. 100).

Nesse contexto, a barreira interlingual é a dificuldade encontrada pela criança surda para compreender e se expressar em uma língua falada que não é naturalmente acessível para ela devido à surdez. Essa barreira ocorre porque a criança surda tem uma maneira diferente de processar e adquirir linguagem, dependendo principalmente de uma língua visual e gestual, como a Libras.

Ao ingressar na escola, a criança surda precisa enfrentar a transição para uma nova língua, que é percebida e compreendida de maneira diferente do que as crianças ouvintes. A língua falada é baseada em sons audíveis, enquanto a língua de sinais é percebida visualmente, por meio de gestos, expressões faciais e movimentos corporais. Essa mudança linguística impõe desafios para a criança surda na comunicação e na compreensão do conteúdo escolar. A criança pode enfrentar dificuldades em compreender as instruções do professor, acompanhar as explicações em sala de aula, participar das discussões e interagir com seus colegas ouvintes.

A barreira interlingual também afeta a expressão da criança surda, pois ela pode ter dificuldades em se fazer entender em uma língua que não é natural para ela. Isso pode causar frustração, isolamento e impactar negativamente seu desenvolvimento acadêmico e social. Para superar esta situação, a mediação linguística desempenha um papel crucial. A presença de um intérprete de Libras na sala de aula inclusiva permite que a criança surda compreenda o que está sendo ensinado e participe ativamente das atividades escolares. O intérprete traduz a língua falada para a língua de sinais, facilitando a comunicação e promovendo o acesso igualitário à educação. Com relação ao contexto bilíngue de surdos, é fundamental o docente tenha fluência na Libras, tenha comunicação direta com os alunos surdos e realize as devidas mediações entre Libras e Língua Portuguesa. Desta forma, esta barreira será sanada no contexto educacional e possivelmente diante das relações estabelecidas em sociedade.

Além da mediação linguística, estratégias pedagógicas inclusivas e adaptadas às necessidades da criança surda são essenciais para superar a barreira interlingual. O uso de recursos visuais, materiais didáticos adequados, adaptação de metodologias de ensino e a valorização da língua de sinais como língua de construção de conhecimentos, são medidas importantes para promover a aprendizagem e o desenvolvimento da criança surda.

É fundamental que a escola e os profissionais envolvidos estejam cientes da barreira interlingual enfrentada pela criança surda e sejam capacitados para oferecer um ambiente inclusivo e acolhedor, que valorize sua língua e cultura, e promova a igualdade de oportunidades educacionais. Isso permitirá que a criança surda desenvolva seu potencial pleno, supere as dificuldades linguísticas e participe ativamente da vida escolar.

Embora o processo de ensino aprendizagem na aquisição do português na modalidade escrita e de leitura seja demorado a ser feito, as dificuldades de aprender a ler e escrever encontradas pelos surdos trazem maiores desafios aos professores que enfrentarão tal situação. Estes profissionais deverão descobrir quais dificuldades impedem o desenvolvimento dos alunos surdos e assim devem buscar soluções que possam investir no ensino da Língua Portuguesa para contribuir a habilidade de ler e escrever.

Outro ponto é que há alguns alunos surdos que tem a dificuldade de escrever e ler, nestes casos, é fundamental que a escola e os professores se preocupem com

isso, investiguem as causas da dificuldade destes, conheçam o seu perfil e busquem as melhorias no processo de aprendizagem na Língua Portuguesa. Neste sentido, os professores devem pensar nos métodos diferenciados ou atividades que possam atrair a atenção dos alunos surdos da melhor maneira possível, a fim de buscar melhor qualidade e maior desenvolvimento na sua aprendizagem, por conseguinte, terão a comunicação compreensiva com os ouvintes na modalidade escrita e de leitura. Sendo assim, a Língua Portuguesa é muito importante e necessária para a vida dos surdos, independente das suas limitações e dificuldades, portanto, é de suma importância a aprendizagem de sua segunda língua.

Pensando no contexto bilíngue de surdos é fundamental buscar meios para que a pessoa surda tenha o acesso ao conhecimento tanto na Libras como na Língua Portuguesa. Para tanto, como explica Fernandes (2007, p. 121), na escola deve haver “[...] instrutores ou professores de Libras, preferencialmente Surdos, com a finalidade de atuar como modelos para identificação linguístico-cultural das crianças Surdas e ser responsáveis por difundir e ensinar a língua de sinais na escola e na comunidade”. Por isso, na escola deve ter pelo menos profissionais surdos como instrutores e professores de Libras, de preferência surdos, para mediar aprendizagens aos alunos surdos no processo de aprendizagem da sua primeira língua, a Libras.

Referente a Língua Portuguesa, Pereira et al. (2011, p. 16) apontam que:

O aprendizado da língua majoritária na modalidade escrita se dará por meio da exposição, desde cedo, a textos escritos, uma vez que a leitura se constitui na principal fonte para o aprendizado da língua majoritária. Por meio da língua de sinais, o professor deve explicar à criança o conteúdo dos textos, bem como mostrar a ela semelhanças e diferenças entre as duas línguas.

É importante que o surdo tenha o conhecimento profundo da estrutura da Libras primeiro, assim será possível perceber a diferença do conteúdo dos textos entre a Libras e Língua Portuguesa, como os autores explicam é por meio da primeira língua que a segunda língua ganhará sentido, as aprendizagens poderão ser consistentes.

Podemos observar alguns exemplos a seguir, sobre o processo realizado pelo aluno surdo para aprender a Língua Portuguesa a partir da Libras:

Figura 2 – Atividade lúdica: Jogo de Memória sobre o tema (sinal-palavra ou figura-palavra).



Fonte: Quadros (2006, p. 64).

Como podemos observar, a Figura 2 está apresentando o desenho de um carro, seu sinal, nome e soletração. Os alunos surdos aprendem o sinal de carro em Libras através do desenho visual do veículo. De igual modo, o nome do veículo é aprendido soletrando a palavra C-A-R-R-O, em português. Como foi demonstrado, esse método revela-se fundamental, pois, utiliza a visualidade dos surdos para otimizar o processo de aprendizagem das duas línguas.

Figura 3 – Atividades escritas com o tema Transportes

Escreve os nomes:

Complete:
 AVI__ C__RR__Ç__ BA__C__
 B__CI__TA Ô__B__S

Desenhe:

A Andréia viajou de avião.

O Paulo andou no trem.

Fonte: Quadros (2006, p. 65).

Referente a Figura 3, é possível observar mais um exemplo de representação da atividade a ser realizada em escrita da Língua Portuguesa. O aluno surdo preencherá os nomes dos meios de transporte após adquirir o conhecimento dos sinais através da visualidade, e em seguida, identificará o que deve ser desenhado com base nos nomes de transportes.

Outro ponto importante refere-se ao fato desta segunda língua ser aprendida na modalidade escrita. O histórico da educação de surdos, como discutido anteriormente, mostra como o oralismo foi prejudicial à pessoa surda, esta situação que levou ao fracasso escolar, falta de aquisição de uma língua que pudesse atender ao surdo de modo verdadeiro. Como coloca Gesser (2009, p. 50):

A oralização deixou marcas profundas na vida da maioria dos surdos. Pode-se dizer que a busca desenfreada pela recuperação da audição e promoção do desenvolvimento da fala vocalizada pelo surdo são objetos que se traduzem em vários sentimentos: desejo, dor, privação, aprovação, opressão, discriminação e frustração.

Devido à imposição do oralismo, pessoas surdas tiveram privados seu direito ao uso das línguas de sinais, a principal forma para se adequar a sociedade foi a busca pela fala para a resolução dos problemas sociais e educacionais causados pelos surdos, conforme a compreensão da sociedade. Desse modo, entender que a aprendizagem da Língua Portuguesa deve ser realizada na modalidade escrita é fundamental para proporcionar uma mediação coerente com as necessidades desta pessoa. O uso da explicação em Libras é o primeiro ponto a ser considerado, a aprendizagem a partir desta para então se expressar por meio da escrita da Língua Portuguesa. O uso de imagem associado à palavra escrita é outro ponto de mediação.

O professor deve estar preparado para receber um aluno surdo, buscando saber quais são suas dificuldades, do que ele é capaz ou não. Por isso, saber que existe duas línguas e que devem fazer parte das aprendizagens deste aluno é fundamental. Quadros e Schmiedt (2006, p. 23) argumentam que “A criança surda é colocada em contato com a escrita do português para ser alfabetizada seguindo os mesmos passos e materiais utilizados nas escolas com as crianças falantes do português”. Esta situação traz uma reflexão sobre como o aluno surdo pode enfrentar dificuldades de leitura e do entendimento da Língua Portuguesa como segunda língua, pois o modo de se ensinar o surdo não deve ser igual ao ouvinte. É preciso que os

passos e materiais sejam analisados, assim serão utilizados de forma adequada para desenvolver o processo da aprendizagem do aluno surdo.

Logo, entendemos a importância do ambiente bilíngue, com o acesso contínuo a Libras e a Língua Portuguesa, com a realização de atividades apropriadas para estimular o surdo na escrita, na compreensão de textos diversos, pois estes pontos poderão promover mais melhorias no ensino e na vida social dessas pessoas. A aprendizagem da Língua Portuguesa é importante para os alunos surdos e esta deve desde cedo ser ensinada como a sua segunda língua, em modalidade escrita e da leitura da língua, no âmbito escolar. Desse modo, estes poderão se comunicar com as pessoas ouvintes que não saibam e/ou conheçam a Libras, assim as chances de barreira de comunicação serão mínimas.

Em síntese, a partir do exposto compreendemos como a Língua Portuguesa possui características diferentes da Libras, sendo necessários meios coerentes para que esta possa ser ensinada de modo eficaz. Além disso, é essencial ter a consciência de que a Língua Portuguesa como segunda língua para surdos é um instrumento importante para promover a inclusão linguística e social. No próximo capítulo são destacados os caminhos percorridos para a realização desta investigação, bem como os resultados alcançados.

4 LÍNGUA PORTUGUESA NO CONTEXTO BILÍNGUE DE SURDOS: PERCORRENDO OS CAMINHOS METODOLÓGICOS E ANALISANDO OS RESULTADOS

Para realizar este trabalho foram feitos alguns procedimentos que possibilitaram encontrar respostas diante do problema de pesquisa. Assim, tendo como proposta deste trabalho pesquisar sobre a Língua Portuguesa (escrita) e a Libras como base para a aprendizagem de sua segunda língua, entendemos que esta é uma pesquisa qualitativa, pois, segundo Marconi e Lakatos (2010, p. 269):

A metodologia qualitativa preocupa-se em analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano. Fornece análises mais detalhadas sobre investigações, hábitos, atitudes, tendências de comportamento etc.

Sendo assim, este tipo de pesquisa contribui para uma investigação profunda, que proporcione gerar dados que representam problemas que não são possíveis de serem quantificados, como as percepções dos participantes, as atitudes tendo como base o objeto de pesquisa.

Tendo em vista a temática, consideramos coerente fazer também a utilização da pesquisa exploratória, que em conformidade com o Gil (2009, p. 41), tem o objetivo de “[...] proporcionar maior familiaridade com o problema (explicitá-lo). Pode envolver levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas experientes no problema pesquisado. Geralmente, assume a forma de pesquisa bibliográfica e estudo de caso”.

Entendendo a relevância da pesquisa de campo para maiores aprofundamentos percorremos por este caminho e entendemos, a partir de Gonçalves (2001, p. 67) que:

[...] a pesquisa de campo é o tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada. Ela exige do pesquisador um encontro mais direto. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre, ou ocorreu e reunir um conjunto de informações a serem documentadas.

Neste sentido, o campo da pesquisa foi uma escola bilíngue para surdos de Imperatriz/MA. Após o aceite para a realização da pesquisa na escola, foi feito o convite para os participantes e assinado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE A) para que a pesquisa pudesse ser desenvolvida

conforme os princípios da ética em pesquisa. Às participantes foi explicado sobre a temática, os objetivos, bem como sobre o anonimato de suas identidades diante da difusão dos resultados da pesquisa. Estas assinaram o TCLE que estava em duas vias, sendo que, uma destas permaneceu com o pesquisador e a outra ficou com as participantes. Assim, as participantes da pesquisa foram duas professoras do 5º ano – uma professora ouvinte, uma professora surda – além da coordenadora pedagógica da escola pesquisada, totalizando três (03) participantes. Suas identidades foram preservadas e mantidas em sigilos, assim neste trabalho utilizamos a codificação: P1 (Professora), IL1 (Instrutora de Libras) e C1 (Coordenadora Pedagógica).

O instrumento para a geração de dados foi a entrevista semiestruturada. De acordo com Triviños (1987, p. 146):

Podemos entender por entrevista semiestruturada, em geral, aquela que de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses que interessam à pesquisa, e que em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante.

Nesse contexto, foi importante buscar as informações no ambiente escolar com as professoras e a coordenadora investigadas para auxiliar na busca por respostas a indagação que movimenta este trabalho, com o propósito de compreender e explicar a realidade estudada. Sendo assim, houve o agendamento da entrevista com antecedência, e sua duração foi em média de 20 minutos. As perguntas foram realizadas tendo como o direcionamento do roteiro de entrevista (APÊNDICE B) para a professora e instrutora e (APÊNDICE C) para a coordenadora pedagógica. As entrevistas foram gravadas em vídeo para possibilitar retomar as respostas e fazer as análises de forma coerente. Na entrevista, fizemos a gravação de vídeo com a professora surda por ser usuária de Libras, que é uma língua visual e espacial. Também fizemos da mesma forma com professora da sala de aula e com a coordenadora pedagógica da instituição, que são ouvintes.

Com os dados gerados na pesquisa foi realizada a análise descritiva, que de acordo com Gil (2009, p. 28) “[...] tem como foco principal descrever as características de uma população ou fenômeno”. Sendo assim, esta se mostrou importante para traçar perfis, comportamentos, compreender o problema a partir da visão dos entrevistados, bem como suas percepções com relação aos estilos de aprendizagem da população investigada etc. Diante do apresentado sobre os caminhos percorridos,

os resultados estão organizados e analisados tomando como base o referencial teórico estudado e de modo a se chegar aos objetivos propostos neste trabalho.

4.1 Situando o contexto da pesquisa: escola bilíngue para surdos de Imperatriz

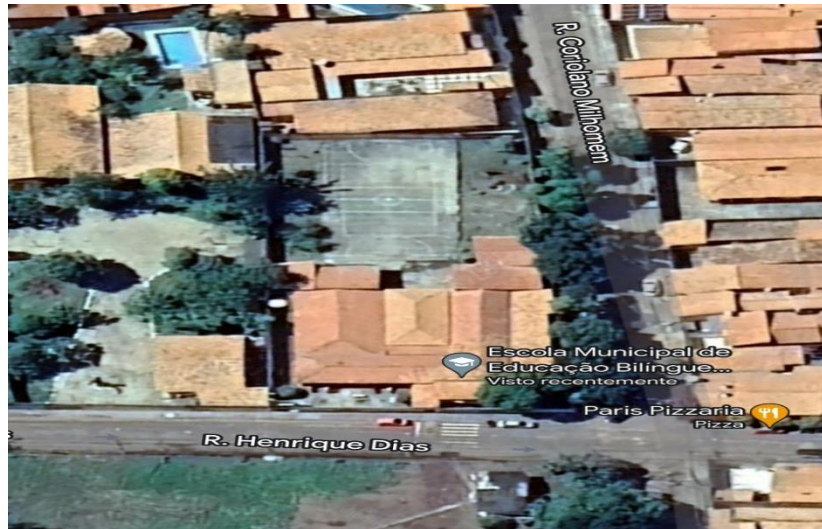
Com o propósito de situar o contexto da pesquisa, iniciamos destacando o município de Imperatriz, situado no estado do Maranhão, região nordeste do Brasil. Conforme aponta o site da Prefeitura ela está “Localizada na Região Metropolitana do Sudoeste Maranhense, com a população, em 2021, era de 259.980 habitantes (IBGE) sendo assim, o segundo município mais populoso do estado maranhense” (PREFEITURA DE IMPERATRIZ, 2023, texto digital). Imperatriz é conhecida como “Princesa do Tocantins”, desempenha um papel central como ponto de encontro de diversas tradições e costumes.

A escola municipal de educação bilíngue para surdos pesquisada está situada em Imperatriz/MA, também é a primeira escola bilíngue direcionada ao grupo cultural de surdos, no Maranhão. A instituição foi inaugurada em 2012 para atender os surdos de Imperatriz e de cidades vizinhas. A primeira gestora da instituição destacou a importância da inauguração da Escola Bilíngue:

Sou gestora da primeira escola bilíngue no Maranhão e sou orgulhosa disso, porque sou a fundadora da Educação de Surdos em nossa cidade em 1986. Desenvolvemos esse trabalho com todo carinho, trabalhando com o surdo para que ele possa ser incluso no ensino regular com equidade, na mesma condição do ouvinte. O aluno aqui na escola passa por um processo de aprendizagem da sua língua materna que é a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e da Língua Portuguesa como segunda língua, mas utilizando as duas línguas de maneira paralela” (PREFEITURA DE IMPERATRIZ, 2023, texto digital).

No ano de 2019, a Prefeitura de Imperatriz transformou esta escola oficialmente, na primeira unidade com sistema de tempo integral do município. A seguir apresentamos a localização da instituição pesquisada, assim como alguns aspectos referentes a sua estrutura.

Figura 4 – Localização da escola pesquisada



Fonte: imagem do Google Maps (2023).

A instituição localiza-se no bairro São José do Egito, na cidade de Imperatriz do estado do Maranhão, tendo o funcionamento em tempo integral, com 44 funcionários atendendo a cerca de 40 alunos surdos da Educação Infantil ao 5º ano do Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos (EJA). Além do currículo necessário para atender as demandas conforme legislação vigente, também são oferecidas atividades no contraturno, quais sejam, aulas de informática, reforço escolar, esporte, dança, música, judô e lazer no período da tarde, enquanto pela manhã ocorrem as aulas conforme a matriz curricular da instituição.

Conforme observação realizada, a estrutura da instituição possui várias salas, sendo: uma (01) sala de secretaria, uma (01) sala de informática, uma (01) sala de judô e dança, uma (01) sala de cozinha, uma (01) sala de depósito, uma (01) sala de EJA, uma (01) sala de recursos, uma (01) sala de brinquedoteca, uma (01) sala de professores, seis (06) banheiros, sendo dois (02) acessíveis, sete (07) salas de aula, uma (01) quadra esportiva descoberta, parque infantil e um (01) pátio coberto.

A Escola Bilíngue oferece a Libras em todos os níveis e modalidades. Esta é a língua de mediação dos conhecimentos utilizada em todos os processos de ensino e aprendizagem. A disciplina da Língua Portuguesa é ofertada na modalidade escrita, considerada como a segunda língua. Este aspecto está de acordo com o que expressa legislações que asseguram a educação bilíngue de surdos e com discussões de autores que investigam sobre a temática, como expressam Nascimento e Costa (2002, p. 174):

[...] as disciplinas de Libras são introduzidas em todas as etapas de ensino e substitui-se a disciplina de Língua Portuguesa como primeira língua pela mesma disciplina como segunda língua, considerando-se as especificidades identitárias e multiculturais, imprescindíveis à educação que envolve estudantes surdos.

Nesse contexto, a Libras e Língua Portuguesa estão presentes em todas as etapas de ensino e são fundamentais para garantir a participação plena e efetiva dos alunos surdos no ambiente escolar. O objetivo principal é promover uma educação inclusiva e adequada às suas necessidades, reconhecendo a importância das duas línguas em seu processo de aprendizado e desenvolvimento. Logo, ao apresentar o campo empírico da pesquisa e algumas características que permitem compreender melhor este espaço e as ações realizadas, passamos para a seção seguinte com os achados da pesquisa.

4.2 Transitando entre desafios para aprendizagens da Língua Portuguesa na construção bilíngue de alunos surdos

A atuação no contexto educacional bilíngue para surdos implica no conhecimento sobre as questões que se referem as línguas que envolvem a mediação das aprendizagens. Levando em consideração a importância deste aspecto para atuar na escola bilíngue, em particular por tratar-se de uma educação que envolve duas línguas no contexto da aprendizagem dos alunos, mapeamos as formações das participantes da pesquisa. Assim, o Quadro 1 apresenta este aspecto.

Quadro 1 – Formações das participantes da pesquisa

N°	Participantes	Formação inicial	Formações continuadas
01	Professora (P1)	Pedagogia	Especialização em Atendimento Educacional Especializado (AEE); Especialização em Educação Bilíngue; Especialização em Tradução Interpretação e docência em Libras.
02	Instrutora de Libras (IL1)	Ensino médio completo	Não possui
03	Coordenadora Pedagógica (C1)	Pedagogia	Especialização em Educação Especial e Inclusiva; Especialização em Libras em uma perspectiva bilíngue; Especialização em psicologia em Educação.

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Podemos observar que, conforme o Quadro 1, que a formação das participantes – P1 e C1 – são voltadas para área da educação de surdos. Estas são formadas em Pedagogia e possuem algumas especializações na área de educação de surdos. De acordo com suas respostas, ficou nítido que há a busca por mais conhecimentos para crescer, assim, ressaltamos que a formação continuada a fim de desenvolver a prática na mediação de aprendizagem de alunos surdos é um ponto positivo que pode contribuir para a melhoria do processo de ensino aprendizagem. Sobre a participante (IL1) que é instrutora de Libras e pessoa surda, identificamos que esta não possui formação de nível superior. Acerca deste ponto convém ressaltar que sua função não exige o citado nível. Ao refletirmos sobre este ponto consideramos que, embora esta ainda não possua graduação, e entendemos que é uma necessidade para que haja mais consistência nas mediações, por ser uma pessoa surda e usuária de Libras, seus conhecimentos e experiências são de grande importância, pois, sua presença promove o contato necessário entre surdos. Além de ter a mesma cultura surda, podemos afirmar que IL1 pode contribuir para aumentar as experiências com relação as necessidades e relevância das aprendizagens das duas línguas (Libras e Portuguesa).

Buscamos identificar a percepção das participantes da pesquisa sobre a relevância da Língua Portuguesa para o aluno surdo. Neste sentido, perguntamos qual é a importância da aprendizagem da Língua Portuguesa para os alunos surdos, conforme suas percepções. Suas respostas evidenciam que:

A Língua Portuguesa é importante para todas as pessoas, inclusive as pessoas surdas, nós ouvintes precisamos dessa língua para comunicar com a sociedade, seja falada, escrita e lida, e agora, os surdos se comunicam por meio de Libras, mas aprender a escrever no português também é importante, pois em qualquer lugar em que o surdo se encontrar precisa saber escrever. Pelo contrário, ele não conseguiria entender o que deve ser falado como papéis, documentos e até na comunicação. Pois é importante que as pessoas surdas aprendam a escrever e ler na língua portuguesa (P1).

Os surdos precisam aprender a ler e escrever textos de português como L2. Me pergunto como eles vão conseguir se comunicar na modalidade escrita da língua se não aprenderem. Então, antes disso, precisam estudar lendo e escrevendo para que eles possam se comunicar com a sociedade por meio da comunicação escrita (IL1).

A Língua Portuguesa é muito importante para aprendizagem do aluno surdo, porque em vários lugares sempre seu cotidiano se tem contato com o texto. O ensino da língua portuguesa para aluno surdo é importante aprender a Libras como L1 e o português como L2 na modalidade escrita, por isso é importante para sua vida social(C1).

Diante das respostas podemos observar a questão da importância da aprendizagem da Língua Portuguesa para os alunos surdos, visto que é a sua segunda língua. As entrevistadas concordam que a aprendizagem da língua portuguesa é indispensável para os alunos surdos, tanto para a comunicação escrita como para o acesso a documentos, papéis e para a participação social. Para isso, os alunos surdos precisam se esforçar para aprender a escrita e leitura da Língua Portuguesa, pois é uma disciplina curricular estudada no contexto bilíngue e utilizada pela sociedade no país em vivem. Como o ensino da Língua Portuguesa é vinculado com a Libras é essencial para a formação do surdo enquanto cidadão, é necessário para este se socializar e entender o mundo que o cerca. No que diz o respeito ao processo de aprendizagem da Língua Portuguesa por alunos surdos, esta é:

[...] um componente do desenvolvimento biológico e cultural da humanidade. Ela se faz presente na produção de práticas, saberes, valores, linguagens, técnicas artísticas, científicas, representações do mundo, experiências de sociabilidade e de aprendizagem (GOMES, 2007, p. 18).

Nesse sentido, por ser a segunda língua dos surdos brasileiros, é importante que estes tenham consciência da importância de conhecê-la na modalidade escrita e ainda que saibam que esta permitirá o acesso a uma comunicação mais qualitativa com pessoas ouvintes. O acesso as informações que estão disponíveis somente nesta língua e em situações que os ouvintes não saibam a Libras, esta torna-se essencial para as relações pessoais, além de desenvolvimento acadêmico profissional.

É por meio da aprendizagem da Língua Portuguesa que os alunos surdos podem ampliar suas possibilidades de interação, compreensão do mundo e participação plena na sociedade, incorporando elementos linguísticos e culturais que contribuem para seu desenvolvimento integral, além de proporcionar maior autonomia e inclusão na sociedade.

Seguindo na análise, com base nos estudos realizados e tendo como experiência o conhecimento sobre dificuldades referentes a aprendizagem da segunda língua, por ser uma pessoa surda, consideramos importante compreender a percepção das participantes acerca desta situação junto aos seus alunos surdos. O foco desta problemática a partir da compreensão de textos e da leitura identificadas pelas participantes da pesquisa, segue abaixo:

A maior dificuldade dos alunos surdos na língua portuguesa é a gramática profunda da língua, assim como nós ouvintes também nos sentimos que é difícil. Imagina os alunos surdos. Aprender a gramática da língua portuguesa é difícil, mas é normal. Pois a gramática tem suas regras na forma como se escreve e lê em português, entende o contexto, por isso tem preposições, artigos, conjunções etc., até os fonemas. Para o surdo é difícil. Sendo assim, é preciso estudar profundamente a gramática e compreender o contexto (P1).

Os surdos têm dificuldade de aprender o português como L2. Eu busco meios para mediar a aprendizagem de forma fácil, primeiramente, trabalho com o ensino de Libras para que os alunos possam conhecer os sinais e suas palavras em busca de desenvolvimento da aprendizagem do português (IL1).

Um das maiores dificuldades é a aquisição tardia da Libras (L1), pelo fato de os alunos chegarem na escola com a idade além da idade ano/série. Outra dificuldade, é a falta de materiais didáticos apropriados em Libras. Diante disso, os professores junto a coordenação pedagógica estão sempre promovendo essas adaptações/adequações nas atividades e nos materiais didáticos, priorizando a Libras como L1 e o Português como L2. (C1).

Segundo as entrevistadas, os alunos surdos têm dificuldade da compreensão da estrutura gramatical da Língua Portuguesa, como gramática profunda da língua, classes gramaticais e sons das palavras, leitura e escrita. Como os alunos surdos são usuários de Libras, têm pouco conhecimento da Língua Portuguesa escrita, e:

[...] o distanciamento das práticas de leitura e de escrita, somado a pouca ou nenhuma familiaridade com o português resultam em alunos que sabem codificar e decodificar os símbolos gráficos, mas que não conseguem atribuir sentidos ao que lêem (KARNOPP; PEREIRA, 2012, p. 35).

Neste sentido, a partir do exposto pelos autores, ratificamos que é imprescindível que se possa codificar e decodificar os símbolos gráficos, contudo, o principal neste processo e que causa preocupação, são as dificuldades em compreender o significado do que estão lendo. Essa situação reflete uma lacuna no desenvolvimento da habilidade de leitura crítica e interpretação textual, que são fundamentais para a formação de indivíduos pensantes e comunicadores eficazes. Portanto, é crucial que sejam implementadas estratégias educacionais que promovam o desenvolvimento integral dos estudantes, priorizando não apenas a decodificação mecânica, mas também o entendimento e a interpretação dos textos.

Seguimos esta linha de raciocínio indagamos sobre a adoção de estratégias metodológicas a serem consideradas consistentes para mediar a aprendizagem da Língua Portuguesa junto aos alunos surdos, utilizadas pelas participantes da pesquisa. Segue a resposta das entrevistadas abaixo:

Eu posso falar por própria experiência como professora do 5º ano atualmente, e do 4º ano no passado, posso sentir que os alunos surdos conseguem aprender melhor quando utilizar estratégias e metodologias visuais e a prática é melhor a se fazer com segurança, pois as estratégias visuais e prática são as mais consistentes para o surdo estudar e aprender o português escrito. Os surdos através de imagens e práticas podem aprender a construir frases e textos observando a gramática das duas línguas (P1).

Eu utilizo materiais como imagens para os alunos surdos observarem-nas em Libras e as palavras no português por 2 semanas até que eles consigam aprender (IL1).

A Coordenação Pedagógica está sempre orientando os professores nos planos de aula, para alcançar os objetivos propostos nas disciplinas de cada aula, baseando-se nas competências e habilidades propostas pela BNCC (2017). Levando em consideração que todos os planejamentos, as organizações de materiais e adequações, estão elaborados conforme os Referenciais para o Ensino da Libras como primeira língua (2021) e pela Proposta Curricular para o Ensino de Português Escrito como segunda língua, documentos oficiais elaborados por pesquisadores surdos e ouvintes bilíngues. A Coordenação Pedagógica, também é ciente das dificuldades de aprendizagem de cada aluno, porém são realizadas atividades avaliativas com cada aluno para analisar o nível de aprendizagem em Libras como língua materna, na Língua Portuguesa como segunda língua, bem como a aprendizagem desenvolvida nos outros componentes curriculares. São desenvolvidas ainda, projetos, como o desafio da aprendizagem de termos lexicais por meio de glossários: sinalizados, com gravuras e a escrita em português, também é realizada aplicação de

simulados de português e matemática e ainda são realizadas atividades lúdicas que priorizam a Libras como primeira língua e outras atividades com experiências exitosas. (C1).

A partir das respostas das entrevistadas, podemos observar a ênfase na importância do uso de estratégias visuais e práticas no ensino de alunos surdos. Houve uma unanimidade ao destacarem a eficácia do uso de imagens como uma forma de facilitar o aprendizado dos alunos surdos, tanto em relação à Língua Portuguesa escrita como a Libras. Outra observação da resposta da coordenadora afirma que sempre está atenta às necessidades individuais de cada aluno e se esforça para compreender as dificuldades de aprendizagem que podem surgir. A realização de atividades avaliativas para analisar o nível de aprendizagem em Libras como língua materna e em Língua Portuguesa como segunda língua, é uma abordagem sensata para adaptar o ensino de acordo com as necessidades de cada estudante. Com iniciativas como essas, a escola está proporcionando uma educação bilíngue e equitativa, permitindo que todos os alunos alcancem seu máximo potencial.

A utilização de estratégias como materiais visuais, imagens, associando os sinais Libras e à Língua Portuguesa escrita, são essenciais para facilitar o processo de aprendizagem dos alunos surdos.

A alfabetização visual significa aprender a ler imagens, desenvolver a observação de seus aspectos e traços constitutivos, detectar o que se produz no interior da própria imagem, [...] Ou seja, significa adquirir os conhecimentos correspondentes e desenvolver a sensibilidade necessária para saber como as imagens se apresentam, como indicam o que querem indicar, qual o seu contexto de referência, como as imagens significam, como elas pensam, quais são os seus modos específicos de representar a realidade (SANTAELLA, 2012 apud TAVEIRA; ROSADO, 2017, p. 22-23).

Nesse sentido, é possível afirmar que a alfabetização visual envolve aprender a ler imagens, o que é especialmente relevante para alunos surdos, pois eles não têm acesso total à língua falada e podem depender mais da informação visual para comunicar ideias e conhecimentos. Desenvolver a observação dos aspectos e traços constitutivos das imagens permite que os alunos surdos decodifiquem e compreendam melhor a mensagem que as imagens estão transmitindo. Sendo assim, é importante reconhecer que a alfabetização visual para alunos surdos que estão aprendendo a Língua Portuguesa pode ser um desafio adicional. Portanto, é fundamental oferecer suporte adequado, como materiais didáticos visuais acessíveis, atividades práticas e interativas, além de incentivar o diálogo e a colaboração entre

alunos e professores. Diante disto, confirmamos que a utilização de estratégias metodológicas mais eficazes para a aprendizagem da Língua Portuguesa pode ser uma ferramenta valiosa para o desenvolvimento do processo de aprendizagem de alunos surdos.

Tendo o entendimento que aspectos específicos que devem ser considerados para a concretização de aprendizagens da Língua Portuguesa, nos interessaram saber sobre experiências exitosas. Neste sentido, as entrevistadas da pesquisa relataram alguns exemplos com relação à aprendizagem da Língua Portuguesa a partir de suas experiências:

Trabalho com a turma do 5º ano, faço experiências boas e certas. O Jogo de Comando é excelente pois ajuda os alunos surdos a lerem e entenderem. Quando eles fizerem, peço que eles interpretem o que entenderam. Tenho o gosto de fazer isto com meus alunos e percebo a clareza e o desenvolvimento deles, entendendo as perguntas de jogos de comando. Por exemplo: durante a brincadeira de jogo de comando, eles pegam qualquer papel de palavra dentro da caixa, lê a palavra e faz o que ela comandar. Não peço que eles façam o que eu quero. Eles precisam agir o que o jogo de comando mandar, dessa maneira eles poderão ter a autonomia (P1).

O que faço com a aprendizagem dos alunos surdos é praticar a escrita de frases. Para isso, eles devem conhecer os sinais e em seguida, aprendem as palavras de sinais. Apesar da dificuldade que eles têm da escrita correta da língua, eu sempre posso auxiliá-los na correção dos erros gramaticais (IL1).

A partir das respostas das entrevistadas, podemos observar diferentes abordagens utilizadas para promover a aprendizagem de alunos surdos. Como mencionada por P1, que utiliza o “Jogo de Comando” como uma estratégia excelente para auxiliar os surdos na leitura e compreensão. Outra estratégia mencionada pela I1, destaca a prática da escrita de frases como uma forma de auxiliar os alunos surdos após conhecer os sinais em Libras para em seguida aprender as palavras escritas.

Diante da experiência com o sistema de escrita que se relaciona com a língua em uso, a criança passa a criar hipóteses e a se alfabetizar. Experiência com o sistema de escrita significa ler esta escrita. Leitura é uma das chaves do processo de alfabetização. Ler sinais é fundamental para que o processo se constitua. Obviamente que este processo de leitura deve estar imerso em objetivos pedagógicos claros no desenvolvimento das atividades (QUADROS, 2006, p. 29).

Nesse sentido, a leitura desempenha um papel fundamental no processo de alfabetização. Ao ler sinais e textos, a criança adquire conhecimentos sobre a estrutura da escrita e como ela se relaciona com a língua falada. A partir dessa

interação com a leitura, a criança começa a criar estratégias para compreender e decodificar as palavras e, gradualmente, avança no processo de alfabetização.

É importante notar que esse processo de leitura deve ser incorporado a objetivos pedagógicos claros no desenvolvimento das atividades de ensino. Os educadores têm o papel crucial de criar um ambiente de aprendizado que estimule o interesse e o prazer pela leitura, bem como proporcionar atividades adequadas que apoiem o desenvolvimento da alfabetização.

Com relação aos desafios a serem superados para garantir que a aprendizagem da Língua Portuguesa seja mediada com mais êxito, indagamos às entrevistadas sobre sua percepção acerca dos desafios ainda existentes para que a pessoa surda possa efetivamente ter mais êxito nesse processo. Segue a resposta das entrevistadas:

Os alunos surdos precisam desenvolver o entendimento da leitura e da gramática da Língua Portuguesa, assim como da gramática da Libras e suas regras. Tanto as pessoas ouvintes aprendem a gramática do português quanto os surdos aprendem a gramática da Libras. Quando os surdos aprendem a gramática das duas línguas, pode ter o resultado positivo com sucesso. Para isso, precisam entender a leitura e interpretação de textos do português. Tenho a preocupação porque desejo que meus alunos surdos aprendam de verdade. Quando pergunto a eles, eles fingem que entendem não conseguem responder, não quero que seja assim, que finjam. Quero que eles aprendam de verdade, pois sou obrigada a ensinar eles de forma certa. Não quero que eles fiquem com vergonha de perguntar quando tiver dúvidas. Não me importo com os diferentes estilos de aprendizagem de cada aluno, sempre ensino de igual para igual. Por isso, quero eles desenvolvam juntos (P1).

É possível que os surdos consigam aprender o português. Meu desafio é incentivar os alunos surdos a praticarem a escrita nas frases e textos curtos com o intuito de desenvolver a aprendizagem da Língua Portuguesa com o sucesso no resultado (IL1).

O principal desafio é que o aluno às vezes sente dificuldade na leitura e às vezes fica com preguiça e não gosta de ler. Mas, o professor tem a responsabilidade de incentivá-lo todos os dias e a superar esses desafios. Então é necessário esse incentivo para que ele estude. O professor desenvolve estratégias e metodologias melhores para que o aluno possa aprender a escrever em Língua Portuguesa. Falando no desafio que é a preguiça precisa deixar de lado e ter coragem e incentivo ao aluno surdo (C1).

A partir da análise das respostas citadas, superar esses desafios exige esforços conjuntos de professores e escola, pois ambos são responsáveis pela aprendizagem do aluno surdo no processo de ensino da Língua Portuguesa. As entrevistadas demonstraram comprometimento em ajudar os alunos surdos a superarem as dificuldades e alcançarem uma aprendizagem significativa. A motivação, o incentivo e

a criação de estratégias adequadas são destacadas nas falas e nos permitem confirmar que estes profissionais têm uma função singular. Isto significa que, além de conhecer estratégias que atendam às necessidades dos surdos, ter a sensibilidade para lidar com situações como preguiça, enfatizada por C1, e assim, buscar motivar os discentes e lhes mostrar a importância da aprendizagem desta segunda língua para que possam ter mais autonomia e força para também superar desafios impostos pela sociedade.

A educação é o campo de batalha onde as minorias lingüísticas ganham ou perdem seus direitos. Devemos estar atentos para que, muitas vezes, em nome da igualdade de oportunidades, em desigualdade de condições, não estejamos contribuindo para a destruição das diferenças de nossos alunos em sala de aula (LANE, 1992, p. 103).

Sendo assim, devemos garantir que os professores da instituição sejam devidamente capacitados para lidar com as dificuldades que os alunos surdos tiverem para aprender a Língua Portuguesa em sala de aula. A busca deve ter como foco o desenvolvimento de materiais didáticos adequados, estratégias metodológicas visuais e pedagógicas sensíveis ao ensino do português para que os alunos possam alcançar seu pleno potencial.

Vale ressaltar que, os alunos surdos podem aprender a Língua Portuguesa com sucesso, desde que sejam incentivados a praticar a escrita e a superar desafios, como a preguiça ou a falta de interesse pela leitura. Os professores têm um papel essencial no estímulo e na busca de estratégias e metodologias para facilitar o aprendizado da língua portuguesa.

Por fim, a partir da análise realizada, ratificamos que há a compreensão por parte das participantes da pesquisa sobre a relevância de se buscar meios para superar os desafios referentes a aprendizagem da Língua Portuguesa na construção da formação bilíngue de surdos e ainda que, este é um processo complexo e desafiador. Que há a realização de um trabalho pedagógico que busque as especificidades do surdo, mas que os desafios para a aprendizagem da Língua Portuguesa estão presentes, em particular, por se tratar de uma língua de modalidade oral e auditiva – diferente da forma de apreensão do surdo. E que outros fatores, como desmotivação, são apontados para que haja a realização de um processo de aprendizagem mais eficaz e que possa auxiliar o surdo nas suas relações sociais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A abordagem educacional bilíngue para surdos vem ganhando espaço a partir do reconhecimento linguístico da Libras e, em particular, no município de Imperatriz a partir da criação de uma escola direcionada ao público surdo. Neste sentido, tendo em vista as ações que devem ser realizadas para promover a constituição bilíngue destas pessoas, o presente estudo teve como objetivo analisar desafios para aprendizagem de Língua Portuguesa junto a alunos surdos do 5º ano de uma Escola Bilíngue para Surdos de Imperatriz/MA.

Os estudos realizados mostram este tipo de educação deve ter a utilização de duas línguas, isto é, Libras e Língua Portuguesa, sendo esta última aprendida na modalidade escrita. Por ser a segunda língua do surdo e ter modalidade oral e auditiva requer mediação de aprendizagens com mecanismos que atendam ao surdo, que é um sujeito visual e utiliza uma língua realizada no espaço por meios de sinalizações.

Nesse sentido, diante da busca por entender de forma mais detalhada os desafios que permeiam as aprendizagens da Língua Portuguesa para alunos surdos, buscamos inicialmente discutir sobre aspectos da história e da educação da educação de surdos em diferentes períodos. Nessa perspectiva, os resultados evidenciaram que a história educacional de pessoas surdas é repleta de situações marcantes como a proibição do uso das Línguas de Sinais o que demonstrou um grande retrocesso em termos de aprendizagem e desenvolvimento dos surdos. E somente com mudanças de entendimento sobre o surdo houve alterações sobre como conduzir o processo de ensino aprendizagem destes, assim, práticas exercidas com abordagens como o oralismo e comunicação passaram a fazer parte da vida dos surdos. Sua eficácia ficou abaixo do esperado, assim foi o bilinguismo, tendo como base as Línguas de Sinais e a língua oral do país.

Além disso, também abordamos sobre a educação bilíngue de surdos como ferramenta para aprendizagem da Libras e da Língua Portuguesa. Nessa conjuntura, ficou evidenciado que estas duas línguas são fundamentais para que o surdo seja efetivamente bilíngue. A Libras é utilizada como base para que as aprendizagens da segunda língua, no caso do Brasil, a Língua Portuguesa ocorram. Neste sentido, o contexto bilíngue adquire maior importância para a concretização deste processo, isto ocorre porque em espaços bilíngues há o respeito entre as línguas, sendo a língua natural do surdo o elemento orientador para a ocorrência de outras aprendizagens.

Também alcançamos a partir das entrevistas semiestruturadas analisar as percepções docente e da Coordenação sobre desafios para aprendizagens da Língua Portuguesa em uma escola bilíngue para surdos de Imperatriz/MA. As participantes da pesquisa confirmaram com nitidez a relevância da aprendizagem da Língua Portuguesa para um melhor desenvolvimento das relações sociais entre surdos e ouvintes. E na Proposta de Educação Bilíngue para surdos, aprendizagens referentes Língua Portuguesa, objeto de estudo da presente pesquisa, foram percebidas dificuldades de compreensão da estrutura gramatical classes gramaticais, leitura e escrita. Este aspecto reforça a necessidade de a mediação das aprendizagens desta língua ocorrer como uma segunda língua, assim certas especificidades devem ser consideradas. Foi perceptível em nossa análise que mediante estas dificuldades o uso de estratégias metodológicas que respeitem e valorizem a visualidade do surdo são primordiais. Este aspecto ficou registrado diante das respostas sobre algumas ações realizadas para possibilitar as aprendizagens, como o uso de jogos, brincadeiras e práticas de escrita que tenham o foco a Língua Portuguesa. Este aspecto nos possibilita deduzir que em sua jornada para a aprendizagem desta língua o surdo não pode deixar de acesso aos textos escritos.

Foi possível verificar também, a partir da percepção docente e da coordenação, dificuldades que os alunos surdos enfrentam no aprendizado do português, especialmente no que diz respeito à compreensão de estruturas gramaticais complexas e ao desenvolvimento da escrita. Essas barreiras podem ser atribuídas à falta de acesso à Língua Portuguesa desde a infância, à falta de recursos e estratégias adequadas de ensino. Outro fator se refere a falta de formação adequada dos professores para lidar com a diversidade linguística e cultural dos alunos surdos, logo, se os alunos surdos não estão inseridos na educação bilíngue desde a educação infantil, estes fatores devem ser considerados para a fragilidade na leitura, escrita e entendimento de sua segunda língua.

Com as entrevistas realizadas ficou confirmado algumas abordagens promissoras para a melhoria da aprendizagem da Língua Portuguesa por alunos surdos. Além do destaque sobre a importância do desenvolvimento das estratégias e metodologias com a utilização de materiais visuais como imagens, bem como a adoção de práticas pedagógicas inclusivas, demonstrando-se eficazes no processo de ensino e aprendizagem.

A partir desta pesquisa intencionamos contribuir com a perspectiva bilíngue para os surdos, visto que é um público de minoria linguística que precisa ter condições de oportunidade para mostrar sua capacidade de aprendizagens e formação bilíngue. Nesse sentido, consideramos que os objetivos aqui propostos foram respondidos.

Ressaltamos também que, diante de uma temática de significativa relevância para a comunidade surda, esta não se esgota, sendo assim, é importante apontar que outras investigações têm possibilidades para novos rumos e buscas por respostas que se interligam ao investigado. Como caminhos registramos a discussão sobre a implementação de políticas educacionais que promovam a formação continuada dos professores no contexto bilíngue, para que estes estejam preparados para atender às necessidades específicas dos alunos surdos que enfrentam desafios ao aprender a Língua Portuguesa em sua escolarização. Além disso, é necessário investir em recursos e materiais pedagógicos adequados, que favoreçam a interação, a comunicação e a compreensão da Língua Portuguesa por parte desses alunos, logo, abre-se mais uma vertente para novas investigações.

Por fim, diante dos resultados obtidos, acreditamos que este trabalho contribui para a conscientização sobre os desafios existentes para a aprendizagem da Língua Portuguesa por alunos surdos da educação básica. Consideramos que, todos os estudos ora realizados, nos possibilita afirmar que o processo de ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa como segunda língua para contribui para os alunos surdos não só aprenderem a leitura e escrita da língua, mas também para terem relações sociais mais consistentes, discutirem e pensarem sobre o mundo que os cerca.

REFERÊNCIAS

- AGÊNCIA SENADO. **Nova lei inclui educação bilíngue de surdos como modalidade na LDB**. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/08/04/nova-lei-inclui-educacao-bilingue-de-surdos-como-modalidade-na-ldb>. Acesso em: 23 de maio de 2023.
- BRASIL. Presidência da República – Casa Civil. **Lei nº 10.436**, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Brasília, 2002.
- BRASIL. Presidência da República. **Decreto 5.626** de 22 de dezembro de 2005. Disponível: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 24 de maio de 2023.
- BRASIL. Presidência da República. **Decreto Nº 5.296** de 2 de dezembro de 2004. Disponível: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2004/Decreto/D5296.htm. Acesso em: 13 de janeiro de 2023.
- CAPOVILLA, F. C. **Filosofias educacionais em relação à pessoa surda, do oralismo à comunicação total ao bilinguismo**. Revista Brasileira de Educação Especial, v. 6, nº 1, p. 100, 2000.
- FERNANDES, Sueli. **Educação de surdos**. Curitiba: Ibpex, 2007.
- GARCÍA, Ofelia. **Bilingual Education in the 21st Century: A Global Perspective**. West Sussex: Wiley Blackwell, 2009.
- GESSER, Audrei. **Libras: Que língua é essa?** crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2009.
- GOLDFELD, Márcia. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista**. São Paulo: Plexus, 1997.
- GOMES, Nilma Lino. **Indagações sobre currículo: diversidade e currículo**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.
- HONORA, Marcia. **Livro Ilustrado da Língua Brasileira de Sinais**, desvendando a comunicação pelas pessoas com surdez. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009.
- KARNOPP, Lodenir Becker; PEREIRA, Maria Cristina da Cunha. Concepções de leitura e de escrita na educação de surdos. In: LODI, Ana Claudia Balieiro; DORZIAT, Ana; FERNANDES, Eulalia (org.). **Letramento, bilinguismo e educação de surdos**. Porto Alegre: Mediação, 2012.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa; LODI, Ana Claudia Balieiro. **Uma escola duas línguas**: letramento em língua portuguesa e língua de sinais nas etapas iniciais de escolarização. Porto Alegre: Mediação, 2009.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa. **Intérprete de libras**: Em atuação na educação infantil e no ensino fundamental. 3ª Edição. Porto Alegre: Editora Mediação, 2011.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2012.

LANE, Harlan. **A Máscara da Benevolência**: a comunidade surda amordaçada. Lisboa: Instituto Piaget, 1992.

LIBÂNIO, José Carlos; OLIVEIRA, João Ferreira de; TOSCHI, Mirza Seabra. **Educação escolar**: políticas, estrutura e organização. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2012. (Coleção Docência em Formação).

LIMA, Maria do Socorro Correia. **Surdez, bilingüismo e inclusão**: entre o dito, o pretendido e o feito. Campinas/SP: IEL/UNICAMP, 2004. 261 p. (Tese de Doutorado).

LODI, Ana Claudia Balieiro; LACERDA, Cristina Broglia Feitosa. A inclusão escolar bilíngue de alunos surdos no ensino infantil e fundamental: princípios, breve histórico e perspectivas. In: LODI, Ana Claudia Balieiro; LACERDA, Cristina Broglia Feitosa (org.). **Uma escola duas línguas**: letramento em língua portuguesa e língua de sinais nas etapas iniciais de escolarização. Porto Alegre: Editora Mediação, 2009.

MAZZOTTA, Marcos José da Silveira. **Educação Especial no Brasil**: história e políticas públicas. 5ª ed. São Paulo: Cortez. 2005.

MOURA, Maria Cecília de. **O surdo**: Caminhos para uma nova identidade. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.

PEREIRA, Maria Cristina da Cunha (Org). **Libras**: conhecimento além dos sinais. 1 ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2011.

QUADROS, Ronice Müller de. **Educação dos surdos a aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artmed, 1997.

QUADROS, Ronice Müller de. **Língua de sinais brasileira**: estudos lingüísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, Ronice Müller de. **O tradutor e intérprete de Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa** / Secretaria de Educação Especial; Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos - Brasília: MEC; SEESP, 2004.

QUADROS, Ronice Müller de. **O bi do bilingüismo na educação de surdos**. In: FERNANDES, Eulalia (org.). **Surdez e bilingüismo**. 1 ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 2005.

QUADROS, Ronice Müller de; SCHMIEDT, Magali L. P. **Ideias para ensinar português para alunos surdos**. Brasília: MEC, SEESP, 2006.

SANTAELLA, Lucia. **Leitura de imagens**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012.

SVARTHOLM, Kristina. Bilinguismo dos surdos. In: SKLIAR, Carlos. (org.). **Atualidade da educação bilíngue para surdos**. Porto Alegre: Mediação, 1999.

SÁ, Nídia Regina Limeira. Escolas e classes de surdos: opção político-pedagógica legítima. In: SÁ, Nídia Regina Limeira (org.). **Surdos: qual escola?**. Manaus: Editora Valer e Educa, 2011.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Editora UFSC, 2009.

SACKS, Oliver; MOTTA, Laura Teixeira (Trad.). **Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SCHNEIDER, Roseléia. Educação de Surdos: **Inclusão no ensino regular**. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2006.

SKLIAR, Carlos. **Uma perspectiva sócio-histórica sobre a Psicologia e a Educação dos surdos**. In: SKLIAR, Carlos (Ed.). Educação & Exclusão: **Abordagens socioantropológicas em educação especial**. Porto Alegre, RS: Mediação, 1997.

SKLIAR, Carlos. **A Surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Coordenação do trabalho pedagógico: do Projeto Político-Pedagógico ao cotidiano da sala de aula**. 6ª Ed. São Paulo: Libertad, 2006.

APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para as participantes da pesquisa

Prezado (a) participante:

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa **“Desafios nas aprendizagens da Língua Portuguesa para alunos surdos dos anos iniciais de uma escola municipal bilingue de Imperatriz/MA”** desenvolvida por **Max Rhuan de Andrade Sousa** discente do Curso de Pedagogia, do Centro de Ciências de Imperatriz-CCIM, da Universidade Federal do Maranhão-UFMA, sob orientação da professora Dr^a. Francisca Melo Agapito.

O objetivo geral desta investigação é analisar desafios para aprendizagem de Língua Portuguesa junto a alunos surdos do 5^o ano de uma Escola Bilíngue para Surdos de Imperatriz/MA.

Sua participação envolve participar de uma entrevista que será gravada. Sua participação nesse estudo é voluntária e se você sentir-se desconfortável, constrangido (a) no decorrer da gravação das entrevistas, diante de questionamentos que serão realizados e impliquem nas respostas dadas ou mesmo por motivos pessoais não esteja disposto (a) em continuar participando, sinta-se à vontade para desistir do processo, pois terá autonomia para fazê-lo. Sobre os citados aspectos ressaltamos que, são assegurados meios para você tenha o direito de indagar, tirar dúvidas sobre os procedimentos a serem realizados, permitir e conceder suas respostas ou não, além de sua vontade de permanecer ou não pesquisa, mesmo já tendo consentido sua participação.

A qualquer momento, durante a pesquisa, ou posteriormente, você poderá solicitar do pesquisador informações sobre sua participação e/ou sobre a pesquisa, o que poderá ser feito através dos meios de contato explicitados neste Termo. As filmagens serão armazenadas, em arquivos digitais, mas somente terão acesso às mesmas o pesquisador e sua professora orientadora. Referente à publicação dos resultados desta pesquisa, sua identidade será mantida no mais rigoroso sigilo e todas as informações que permitam identificá-lo (a) serão omitidas.

Ao participar, você estará contribuindo para a compreensão do fenômeno estudado e para a produção de conhecimento científico com relação a temática referente às aprendizagens da Língua Portuguesa, seus desafios, assim como

possibilidades produtivas para a melhoria das aprendizagens de discentes surdos. De igual modo, possivelmente para o avanço acerca da temática da educação bilíngue para surdos, a partir de pressupostos teóricos e práticos para subsidiar o trabalho docente, bem como para a comunidade científica, cujos resultados poderão servir de embasamento para pesquisas futuras e para a educação como um todo.

O referente termo apresenta-se expresso em duas vias, sendo uma destinada para o participante e outra para o pesquisador; todas as páginas serão rubricadas pelo participante da pesquisa e pelo pesquisador responsável e assinadas ao final do referido termo.

Quaisquer dúvidas relativas à pesquisa poderão ser esclarecidas pelos pesquisadores através dos seguintes telefones:

Nome do pesquisador: Max Rhuan de Andrade Sousa

Telefone: (99) 9 8152-3139

endereço eletrônico: max.rhuan@discente.ufma.br

Nome da orientadora: Francisca Melo Agapito

Telefone:

endereço eletrônico: francisca.agapito@ufma.br

Assinatura do pesquisador

Imperatriz, ____ de _____ de 2023.

Declaro que entendi os objetivos e condições de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Nome do participante

APÊNDICE B – Roteiro de entrevista semiestruturada para a professora e instrutora de Libras

1. Qual sua formação inicial?
2. Há quanto tempo você atua como professora na educação bilíngue de surdos?
3. Qual/quais formações continuadas possui na área da educação de surdos?
4. Conforme sua percepção, qual é a importância da aprendizagem da Língua Portuguesa para os alunos surdos?
5. Que dificuldades você identifica junto aos alunos surdos, na compreensão de textos e da leitura durante em prol da aprendizagem da Língua Portuguesa, visto que esta é a segunda língua do aluno surdo?
6. Aponte estratégias metodológicas que consideradas mais consistentes para mediar a aprendizagem da Língua Portuguesa junto aos alunos surdos?
7. Que experiências exitosas você pode exemplificar com relação a aprendizagem da Língua Portuguesa?
8. Na sua compreensão que desafios ainda necessitam ser superados para que a aprendizagem da Língua Portuguesa possa ser mediada com mais êxito

APÊNDICE C – Roteiro de entrevista semiestruturada para a Coordenadora Pedagógica

1. Qual sua formação inicial?
2. Há quanto tempo você atua como professora na educação bilíngue de surdos?
3. Qual/quais formações continuadas possui na área da educação de surdos?
4. Conforme sua percepção, qual é a importância da aprendizagem da Língua Portuguesa para os alunos surdos?
5. Que dificuldades o corpo docente identifica e busca sanar em conjunto com a Coordenação Pedagógica para que os alunos surdos, compreendam melhor os textos em prol da aprendizagem da Língua Portuguesa, visto que esta é a segunda língua do aluno surdo?
6. Que ações são realizadas pela Coordenação Pedagógica para alcançar o objetivo de proporcionar aprendizagens consistentes aos alunos surdos dos Anos Iniciais?
7. Na sua visão que estratégias metodológicas são consideradas mais consistentes para mediar a aprendizagem da Língua Portuguesa junto aos alunos surdos?
8. Que experiências exitosas você pode exemplificar com relação a aprendizagem da Língua Portuguesa, a partir de ações ou formações realizadas junto aos docentes?
9. Na sua compreensão que desafios ainda necessitam ser superados para que a aprendizagem da Língua Portuguesa possa ser mediada com mais êxito